O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 4 DE MAIO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:464

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: —Companhia Nyassa-Panamá.—A rotação constitucional.—A' imprensa.—Perigos.—O limite de edade dos officiaes.—Commissão districtal.—Ainda a Encommendação da Egreja d'Ovar.—A rotação constitucional.—O Nyassa estagnado.—A crueldade dos governos.—Um bando de selvagens.—A outorga da Carta.—Commendador Abel da Silva Ribeiro.—Folhetim: Magdalena.—Carta de Vagos.—Carta de Ceia.—Noticias diversas.—Pelo estrangeiro.—Secção agricola.—Noticiario.—Carta de Lisboa.—Carta de Coimbra.

AVEIRO

Companhia Nyassa-Panamá

Extraordinario quanto está succedendo n'este desgraçadissimo paiz, muito principalmente desde que o executivo usurpou as faculdades legislativas, suprimindo a moralidade, a constituição e as leis. Extraordinario pela protervia, extraordinario pelo alastramento da corrupção e pelo impudor, e mais extraordinario ainda pelos personagens que figuram n'este escandaloso e singularissimo processo.

Entre outros exhibem-se d'um modo repugnante, indecoroso mesmo, dois ministros e conselheiros d'estado honorarios, sendo um o heroe da campanha parlamentar de 1894, o que fez de carrasco para guilhotinar a minoria com o famoso regimento subreticiamente engatilhado para acabar com a liberdade da tribuna. Este homem, que escalara a celebridade com as arruaças parlamentares, usofrue como auxiliar dos ministros irresponsaveis não sabemos quantas conezias e prebendas, sommando os seus benesses annuaes, numeros redondos, 12 contos de réis!... Simplesmente espantoso!

O outro.... é administrador da casa real, e nos annuncios para a emissão de titulos da companhia do Nyassa, prevalecia-se d'esta circumstancia, a fim de armar ao effeito, sem se lembrar que punha o nome d'el-rei, que devia respeitar, n'uns processos que repugnam á moral, assim como são repugnantes ás consciencias honradas.

Esta é actualmente a questão magna do dia, e porque assumiu taes proporções, chamamos sobre ella a attenção do paiz, reproduzindo, para justificar os nossos assertos, o que acaba de ser publicado em folheto, e que é de uma eloquencia esmagadora. Dispensamos-nos por agora de comentar a parte descriptiva do estranho caso. No final da obra diremos o que fôr preciso acrescentar para dar rebate onde chegar a nossa voz, e para que n'este paiz se faça justiça e se restabeleça de uma vez o imperio da lei.

Ahi vae a transcripção. Leiam-na, que vale a pena estudar em algumas paginas a influencia que a relaxação dos costumes vae exercendo sobre aquelles mesmos que deviam timbrar na correcção do porte, para que os seus actos fossem exemplo que educasse o povo nas praticas morigeradas e na continencia que se impõe quando parte de tão alto.

Ao governo... nada diremos, por que, aguardando os factos subsequentes á remessa da consulta da procuradoria geral da corôa e que já foi apresentada em conselho de ministros, tomámos a resolução de fallar só quando os autos forem julgados em ultima instancia. Para então fica o muito que temos a dizer, e fal-o emos sem reservas, com inteira lealdade e com a maxima independencia. Nem d'outro modo comprehendemos a missão da imprensa, que se é nobre e levantada, é tambem espinhosa e difficil, porque a verdade não agrada geralmente áquelles a quem vae ferir na sua consideração ou nos seus costumes.

Eis as peças que contém o primeiro folheto intitulado—*Sobre negocios da companhia do Nyassa:*

Ills^mo e ex.^mo sr.—Tendo tomado posse dos nossos logares de administradores da Companhia do Nyassa, cumpria-nos conhecer da fórma por que esta tinha sido administrada até esse momento, afim de sabermos se poderiamos assumir a responsabilidade das consequencias que derivam de actos de administração anteriormente praticados. N'este intuito dirigimo-nos ao escriptorio da Companhia, no dia 2 de janeiro, dia em que o sr. administrador Antonio Centeno partia para Paris, e pedimos-lhe que nos facultasse todos os livros e documentos relativos á administração da companhia, visto estar o escriptorio installado na casa d'esse senhor.

Respondeu-nos s. ex.ª que n'aquelle dia tinha de sahir para Paris e Londres, mas que todos os livros e papeis relativos ao serviço da Companhia alli ficavam no seu escriptorio á nossa disposição, excepto uma copia da acta da assembléa geral que tivera logar em Londres, papel que havia desapparecido.

No dia immediato alli fomos; e pedindo esses livros e papeis para os examinar, foi-nos dito pelo empregado, que o sr. Centeno nada deixara no escriptorio, que se referisse á Companhia do Nyassa, crendo que tudo teria sido mandado pelo sr. Centeno para casa do sr. conselheiro João Arroyo, no dia da sua partida. Extranhámos este facto, porque na rua da Prata n.º 145, é que constava ser o escriptorio da Companhia, e não em casa do sr. Arroyo; mas como resolvemos pedir a s. ex.ª que reunisse os dois conselhos de administração e fiscal, para nos porem ao facto do estado da companhia, esperámos por essa reunião para sabermos onde realmente parava o archivo da Companhia do Nyassa.

Chegou esse dia, 2.ª feira, 7 de janeiro, e o senhor conselheiro João Arroyo apresentou o livro das actas do conselho de administração, unica peça que o sr. Centeno lhe tinha remettido. Foi grande, ainda, o nosso espanto, quando, mandando pedir ao irmão do sr. Centeno os outros livros e mais papeis que pertenciam á Companhia do Nyassa, este declarou que nada tinha, e julgava que o doutor, seu irmão, os mandara para a casa da sua residencia.

Em vista d'isto, só pelas informações que o senhor conselheiro João Arroyo nos deu e pelo que sabiamos do procedimento do conselho fiscal, nos poderiamos orientar sobre os negocios da Companhia. Effectivamente s. ex.ª expoz a largos traços o que se tinha passado, desde a intallação da Companhia até ao ultimo acontecimento, que fôra o das nossas nomeações.

D'alguns, porém, dos factos apontados, devia haver noticia nas actas do conselho de administração: e como os estatutos determinam que se realisem sessões do conselho, pelo menos uma em cada mez (art. 38.º, tit. IV e a Companhia foi constituida aos 16 dias do mez de março de 1893, isto é, havendo 21 mezes deveriam ter havido, pelo menos, 21 sssões.

Examinado, porém, o livro das actas, verificámos que só tinham havido sete sessões, sendo a primeira no dia immediato ao da constituição da Companhia, a segunda tres mezes depois; a 3.ª 3 mezes depois d'esta; a 4.ª 6 mezes depois da 3.ª; a 5.ª dois mezes depois da 4.ª; a 6.ª no mez seguinte e a 7.ª dois mezes depois da 6.ª, isto é, em 24 de julho, passando se seis mezes sem que o conselho se tornasse a reunir. O mais notavel, porém, é que depois do primeira reunião do conselho, logo em 30 de março, dizem ter havido em Londres uma assembléa geral, onde se tomaram resoluções importantissimas, sem que da acta da sessão immediata do conselho, 3 de junho de 1893, se faça referencia a tal caso, e sem que, por consequencia, administradores e commissario regio, tenham conhecimento oficial do que se passou n'essa tal assembléa geral,

Apezar de não estar presente a essa primeira reunião o conselho fiscal, o conselho de administração resolveu logo entregar todo o seu capital realizado n'aquella data aos srs. B. Daupias & C.ª, não se sabe por que titulo. Desde esse momento, pois, o conselho de administração, sem ouvir o conselho fiscal, ficou sem um ceitil em caixa. Decidiu mais o conselho estabelecer em Londres um comité administrativo e que o numero dos seus membros não fosse superior a sete nem inferior a dois; e na resolução 7.ª d'essa sessão, a que não assistiu o conselho fiscal, o conselho de administração demitte de si toda a auctoridade, pois diz na resolução 8.ª: — *o conselho de administração de Lisboa não poderá resolver em suas sessões sobre assumptos que não tenham sido dados para a ordem do dia, a qual deve ter sido préviamente participada a todos os membros do mesmo conselho, quer residentes em Portugal, quer no extrangeiro e se qualquer resolução fôr tomada sem que os membros dos comités estrangeiros tenham participação do assumpto que se vae tratar, só produz effeito definitivo depois da participação de conformidade do comité de Londres.*

Ora esta resolução do conselho de administração é, além de estulta, contraria ao espirito do decreto de concessão, que exige que a maioria do conselho seja portugueza, afim de dar o predominio na administração aos portuguezes, submettendo-lhes a vontade e opiniões dos administradores extrangeiros.

Pois o conselho de administração, n'esta sessão, resolveu exactamente o contrario. Esta acta n.º 1 está assignada só pelo sr. vice-presidente, conselheiro João Arroyo, que n'esta sessão foi nomeado, e pelo sr. Thomaz Victor da Costa Sequeira, que fôra nomeado para substituir seu irmão como commissario. Não sabemos se a data da regia portaria que o encarrega d'este serviço é posterior a 17 de março de 1893. Protestámos desde logo contra este systema das actas serem assignadas só pelo vice-presidente e pelo commissario regio. O que é ainda mais extraordinario é que o senhor vice-presidente assignasse esta acta, quando estava presente o presidente, sr. barão de Merck.

Na 2.ª acta, o que ha de importante é, em primeiro logar, a revelação da existencia de um comité funccionando em Londres, e que se não diz por que administradores é constituido, nem quando se installou, o que não admira porque não consta, como acima dissemos, que o conselho de administração tomasse conhecimento do facto capital da vida da Companhia, que foi a pretendida assembléa geral realisada em Londres, e que na acta anterior ficou bem assente (textual) que fosse em 30 do mesmo mez de março.

N'esta mesma acta apparece a resolução 3.ª, que é inteiramente opposta ás determinações dos estatutos, pois diz:

Consentir que para os serviços da Companhia fossem todas as expedições e pessoal, que o sr. Wilson ou George Hume Limited julgassem conveniente para alli realisarem estudos e pesquizas, pelas quaes se possa fazer ideia completa das riquezas existentes n'aquella região, ficando, porém, bem entendido que todas as despezas serão feitas por aquelles senhores e nunca poderão ser exigidas á Companhia, que só tomará a responsabilidade do seu pagamento depois de realisada a emissão a que se vae proceder. N'estes termos e depois de acceito esta condição, pelo sr. George Hume ou Wilson, não terá duvida em solicitar, mesmo officialmente, das auctoridades portuguezas todo o appoio para os individuos serem nomeados, como se fossem seus empregados.

Seus empregados! Cremos que empregados da Companhia.

D'esta resolução se evidenceia que o conselho achou conveniente e bom alterar a condição exarada nos estatutos, de que a 1.ª série de 40:000 libras, com que se constituiu a Companhia era destinada a pagar os encargos immediatos da administração e as expedições que fossem julgadas desde logo necessarias para o reconhecimento de jazigos mineraes.

Não consta das actas até esta data que d'esse dinheiro da 4.ª serie de acções fosse paga qualquer quantia a alguem, a não ser 18:000$000 réis, (os primeiros 10 0[0 entrados) a Bernardo Daupias, que nós juramos não ter ido ao Cabo Delgado fazer pesquizas algumas. Mas, em summa, o facto de se fazer um contracto com um terceiro, para só mais tarde lhe pagar as despezas que fizesse em pesquizas, não achamos mau; só mente, como esse contracto foi acceito, porque sabemos que alguem foi lá recommendado officialmente, vamos ver com quem este foi feito. George Hume ou Wilson são uma e a mesma pessoa, e como Wilson é administrador da Companhia e gerente d'ella pela escriptura de constituição, não podia fazer contractos com a Companhia porque a isso se oppõe o art. 183.º do Codigo Commercial. Mas este contracto fez-se, e fez-se e executou-se!

Falla-se n'esta data ainda na emissão a que se ia proceder. Affirma-se que se ia proceder. Mas em virtude de que resolução?

Das actas não consta que o conselho tivesse tomado essa resolução, que aliás era attribuição sua. Comtudo é certo que se fez emissão, e mesmo mais d'uma, o que se verifica pela numeração de acções que vimos e pela confissão da escriptura de 23 de março proximo passado, cujo valor juridico é contestavel. Mas não nos consta ueq se respeitassem as prescripções da lei.

Sabemos mais que contra o que determinam os estatutos e o codigo commercial, essas emissões foram parte publicas, parte particulares.

Contra tudo isto tudo protestamos.

Acta 3.ª Estão presentes á sessão de 6 de outubro de 1893: o Commissario regio e os administradores João Arroyo, Antonio Centeno e José da Cruz. Ninguem do conselho fiscal! Pelo sr. Antonio Centeno foi apresentada a copia d'um contracto para a construcção de um caminho de ferro atravessando territorios da Companhia, de cujos termos se tomou conhecimento sendo entregue a s. ex.ª o sr. Commissario regio *afim de o apresentar ao governo de Sua Magestade e obter a devida aprovação.* Não se diz por quem, nem com quem foi feito este contracto, não se exaram os termos d'elle, não recahiu sobre elle um parecer do Conselho fiscal; e comtudo não foi auctorisado por nenhuma assembléa geral, porque não consta que para esse fim determinado se convocasse alguma, e o art. 25.º dos estatutos é expresso a respeito da forma como e sobre que as assembléas geraes podem resolver, isto é, deve ser sempre expresso o fim para que são convocadas, e nunca sobre assumpto que não tenha sido previamente annunciado.

Entretanto passemos á 4.ª acta.

O sr. Centeno participou que mandara para Londres o alvará d'approvação do contracto provisorio, para a construcção e exploração do caminho de ferro, e que tendo mais tarde recebido, enviado pelo comité de Londres, o contracto definitivo e os estatutos da Companhia constructora e exploradora do mesmo caminho de ferro, ambos os documentos remettera ao sr. ministro da marinha, onde estão ainda esperando o parecer da junta consultiva do ultramar.

Não se sabe quem encarregou o sr. Centeno de se corresponder com o governo sobre negocios da Companhia e dispôr de documentos que são enviados á Companhia, sem previamente os apresentar ao conselho de administração. Faremos sobre este contracto definitivo e estatutos da Companhia do caminho de ferro, as mesmas considerações que nos suggeriu a leitura da acta anterior. Resolve se n'esta sessão acceitar a distribuição proposta pelo comité de Londres, de acções de Caminho de ferro pelos accionistas da Companhia do Nyassa, na proporção de 66 3[4 (não se diz por que nem de que), e isto diz a acta merecer a approvação do conselho de Lisboa, parecendo-lhe todavia que deverá ser decidido em assembléa geral. Esta dependencia da assembléa geral já não é má: pois que então será o momento de se saber que seriedade tem essa Companhia, e tomar sobre o contracto como está feito, qualquer resolução, embora pareça que esse contracto já se tornou definitivo, o que não impede, ao que nos parece, de estar írrito e nullo pelas razões acima aduzidas.

Nas actas 6 e 7, trata-se da nomeação do sr. Rolão Preto e dos dois officiaes que o acompanham, deliberações com que plenamente concordamos, porque tudo fiamos do patriotismo, seriedade e intelligencia do governador nomeado.

Bastaria o que deixamos escripto para que v. ex.ª senhor commissario regio, veja que a administração da Companhia, feita até então pelo seu conselho de administração, foi além de illegal, e ignara.

E não queremos suppor no tal comité de Londres, e em mais alguem, intenções criminosas, mas a verdade é que tudo se encaminhava, ao que parece, para o resultado final de uma questão Mac-Murdo, guardando ainda menos as apparencias as formas com que o famoso americano envolveu o governo potuguez.

Nem pareça gratuito e infundado este receio, porque além do que sabemos d'emissão d'acções, cujo numero emittido já ascende a mais de 500:000 espalhadas em mãos de extrangeiros, emissões feitas contra as fórmas preceituadas nos estatutos e aquellas estabelecidas por disposições de lei, ha a tentativa de emissão de obrigações, que, sendo conhecida por dois administradores da companhia n'essa epoca, os srs. José da Cruz e Mitchell, e por um vogal do conselho fiscal, sr. Sarrea Prado, haviam contra ella protestado, em Novembro passado, enviando o seu protesto ao vice-presidente do conselho de administração, o conselheiro João Arroyo. Não consta das actas d'este conselho, que de tal protesto se tomasse conhecimento e se providenciasse, de modo a evitar que o comité de Londres proseguisse no caminho de illegallides e burlas que incetara.

O sr. Arroyo guardara para seu recreio pessoal o protesto em questão; felizmente o sr. Mitchell, renova o seu protesto em 7 de dezembro de 1894, dirigindo-se a um dos membros do conselho fiscal, o sr. Prado, que se encontrava em Londres, pedindo que o conselho fiscal interviesse para fazer cessar as illegalidades que na administração da Companhia se estavão praticando. Com esse procedimento, logrou o sr. Mitchell que a maioria do conselho fiscal se reunisse em Londres, e assistindo elle, administrador protestante, foi evitado exclusivamente pela acção energica dos srs. Coelho de Carvalho, Prado e Mitchell que se fechasse a subscripção de taes obrigações, que eram annunciadas n'um prospecto largamente distribuido em Inglaterra e que, segundo a opinião de toda a imprensa ingleza representava uma tentativa de *escrocquerie.*

N'esse prospecto eram designados como administradores portuguezes só os srs. Arroyo e Centeno, como commissario régio Pedro Victor da Costa Sequeira, e, ainda como administradores, Wilson e mais dois inglezes, não apparecendo n'elle o nome do barão de Merck, que de resto parece era o corrector da emissão,—e estava no seu direito de ser, pois deixara de ser administrador da Companhia desde julho d'aquelle anno de 1894.

O que se passou em Londres, entre os dois vogaes do conselho fiscal e o sr. Wilson, gerente da Companhia e as informações e documentos colhidos por esses senhores a respeito da fórma por que o pretendido Comité de Londres tem procedido, consta das actas do conselho fiscal e foram pessoalmente communicados a v. ex.ª e aos membros do conselho da administração, residentes em Lisboa.—Nem d'esta emissão d'obrigações que o sr. Wilson diz justificada pela consulta de um advogado de Lisboa, nem d'uma famosa emissão de estampilhas de correio, cuja venda exclusiva era dada por contracto a um tal Brawn (de Salisbury),—o que deu occasião á Companhia ser accusada na imprensa portugueza e estrangeira, de fraude; nem do protesto que havia tres mezes annunciava a dita emissão d'obrigações, consta cousa alguma nas actas do conselho d'administração, nem tampouco consta nada da cunhagem de moeda! E entretanto de tudo isto teve conhecimento o sr. Centeno.

E se não houve em tudo conivencia com Wilson, houve manifesta incuria e leviandade por parte do conselho d'administração de Lisboa; e nós, assumindo a administração da Companhia, protestámos contra todos os actos acima annunciados como irregulares, e pedimos ao ex.^mo sr. commissario régio que nos acompanhasse na tarefa de reorganisar a Companhia, pois tomavamos a responsabilidade de sanar as faltas passadas e tinhamos meio de contractar em condições favoraveis, segundo todas as probabilidades, com quem nos tomasse firme as emissões necessarias d'acções para cumprirmos com as obrigações impostas no decreto da concessão e perceituados pelos nossos estatutos.

(No proximo n.º daremos a conclusão de todos os documentos que contem o folheto).

A rotação constitucional

Com os boatos de queda do ministerio, que é fatal, que ha-de por força dar-se em breves dias, diz-se tambem na imprensa que para formar novo governo será chamado o sr. Dias Ferreira.

Não nos faltava mais nada agora. E d'ahi, tudo é possivel n'este desgraçado paiz. Mas então, deixa ainda a corôa de obedecer ás normas legaes da rotação constitucional dos partidos. Mas então, é o fim do mundo que se avisinha. Mas então, é propositadamente que se afasta do poder o velho partido liberal, a quem o throno tanto deve, e é uma affronta mais que lhe joga o rei.

Tudo é possivel n'este desgraçado paiz. Mas então, é necessario um protesto mais vivo e mais eloquente. Mas então, é para o campo da revolta que nos arremessam. Mas então, forçoso é que levantemos a luva que do alto nos é arremessada, e vamos lá, que já não é cedo.

Deve ámanhã effectuar-se em Lisboa a grande reunião do partido progressista, convocada para deliberar ácerca da attitude que julgar necessaria em face do momento. Que alli se discuta tambem o caminho a seguir em caso tal, porque para tudo tem soldados, disciplinados e valentes, o nobre chefe do valoroso exercito partidario, e promptos para, á primeira voz, marcharem a tomar o seu logar no campo da batalha.

A' imprensa

E' para um alto dever de humanidade que d'esta vez chamamos a attenção de todos os nossos collegas da imprensa. Vejamos.

Uma das mais desprotegidas classes da sociedade, senão de todas a menos favorecida da sorte e do destino, que vem de seculos luctando contra os horrores da vida attribulada e que o inverno passado perseguiu descaroavelmente, morre por esse paiz além, de fome e de miseria, sobre as taboas desconjuntadas do esquife de que faz habitação, ou sobre os juncos enegrecidos da miseravel choupana.

A tormenta, que a cada instante lhe põe em risco a existencia, mais temerosa este anno, levou a muitos a vida, e a outros os haveres. Pois do producto do amarguroso trabalho d'esta gente, os governos pretendem o melhor quinhão, e o fisco arranca-lh'o sem piedade. Referimo-nos aos pescadores, e é por elles que principiamos pedindo. Não ha nada mais barbaro nem mais iniquo do que essa lei que lhes rouba uma grande parte d'um producto ganho com o arriscado trabalho em que se empregam. O pescador passa dias e dias sobre as aguas, noites terriveis em lucta constante com as ondas, e quando estas—não raras vezes!—lhes não servem de tumulo e de mortalha, aguarda-o no regresso á terra o fisco implacavel, que lhes não rouba tudo porque não pode, mas que lhes leva a melhor parte, aquella com que o desgraçado mataria por horas a fome dos filhinhos, que ahi vemos em grupos pelas ruas esmolando o pão da caridade. Triste e deshumano!

O imposto do pescado representa nada menos que uma extorsão audaciosa e revoltante. Temos por vezes, talvez sem conta já, fallado sobre o assumpto e pedido para elle a attenção dos poderes publicos. Pois até hoje, de ha annos para cá, emquanto se enchem de beneficios amigos e afilhados, emquanto se multiplicam no poder os abusos e os escandalos, emquanto os felizes e os poderosos se revolvem na lama das companhias do Nyassa e outras, emquanto se engendram as negociatas dos phosphoros e similhantes, nenhum dos poderes do Estado se amercia dos desventurados, extinguindo o vergonhoso imposto ou minorando, pelo menos, o grande mal de que soffrem e se queixam amarguradamente os infelizes pescadores!

Pois é preciso que em favor dos tristes, se faça alguma coisa, e para que tal se consiga empenhemos na cruzada humanitaria, uma parte dos nossos esforços, e contamos para ella com toda a boa vontade dos nossos collegas da imprensa, a que muito especialmente consagramos estas linhas. Esperamol-o, e temos fé que a nobilissima instituição se empenhará por completo na generosa tarefa de auxiliar os desgraçados.

São mais especialmente os nossos collegas de Vianna, de Villa do Conde, da Povoa de Varzim, da Figueira, do Algarve, emfim, e de todos os pontos onde ha costas de pesca, os que mais devem teem de tratar do assumpto.

Esperamos que o façam. Exige-o a propria humanidade.

Perigos

De todos os lados chovem os avisos, todas as vozes bradam ao governo que se acautelle e que tenha dó do paiz. Hontem era o *Diario Popular*, amigo da situação, que photographava com a maior nitidez possivel a medonha crise politica, em que Portugal se acha, e chamava para ella a attenção do governo, que não se preoccupa com coisas *minimas;* agora é o *Correio Nacional*, não filiado entre progressistas ou regeneradores, que mais uma vez vem mostrar que não é com risonhas côres e d'animo satisfeito que se póde encarar a scena politica portugueza.

São do collega os seguintes periodos, que se nos deparam no seu ultimo numero:

«Longe de nós a idéa de fazer parallelos entre 1580 e 1895; é certo porém que muita cousa nos faz recordar que entre as principaes causas dos nossos desastres nos fins do seculo XVI avultaram a cegueira de El-Rei, que não via o verdadeiro estado das cousas, o seu desprezo pelos conselhos dos homens prudentes e experimentados nos negocios publicos, as aventuras longiquas mal preparadas, o ardor pouco esclarecido e as lisonjas de validos juvenis, a desorganisação financeira, e a cubiça de um visinho poderoso que tudo soube explorar em proveito proprio.»

Não se diriam estas palavras inspiradas pelo exame minucioso da actualidade? Esquivou-se o collega a fazer o parallelo entre 1580 e 1895, porque não o achou opportuno, ou talvez por melindres da sua especial posição jornalistica, que respeitamos, embora nem sempre lhe possamos perceber o verdadeiro sentido pratico. Mas d'aquellas phrases transcriptas, a approximação entre as duas epocas resalta com toda a força e evidencia; sómente outros traços se poderiam accrescentar que tornassem ainda mais completa a approximação. E' claro que os mesmos vicios e defeitos ou qualidades têm hoje manifestação e exterioridade differentes das que apresentaram no seculo XVI. E' assim que hoje os validos não resgatam a responsabilidade dos maus conselhos arriscando a pelle pela Patria nos areaes de Africa, contentando-se em correr nos campos do Ribatejo os azares menos graves, mais patuscos, de uma caçada ás lebres, ou da apartação de gado bravo. Não matam infieis, picam á vara larga uns garraios; não atravessam o Oceano, passam o Tejo.

Segundo modernos estudos physiologicos, em 1580 a epilepsia teve um grande papel nos acontecimentos e muito contribuiu para as nossas desgraças; em 1895 não se explicam por outra cousa varios actos ministeriaes.

Infelizmente estão cégos ou dementes os que mais obrigação tinham de vêr o errado e perigoso caminho em que vão os negocios publicos, e para elles a historia não dá o menor ensinamento, nem quaesquer conselhos teem proveito. Assim, pois, as mesmas cousas darão os mesmos effeitos, e não é difficil a prophecia de que se está preparando pelos erros dos srs. João Franco & C.ª um novo 1580. N.

O LIMITE DE EDADE DOS OFFICIAES

No intuito de mostrarmos que, se ha defensores que applaudem o limite de edade, não ha razões que o justifiquem, vamos occupar-nos do artigo que um jornal militar publicou.

O limite de edade é alli defendido dedicadamente, mas com razões tão desconformes do bom senso, e com affirmativas tão destoantes da verdade, que facilmente se percebe terem sido inspiradas pelo egoismo e provocadas pela ambição, a cujo impudor foram sacrificadas cynicamente a moralidade da justiça e o bem de muitos officines.

O jornal a que alludimos, querendo pôr em evidencia as excellencias do limite de edade, affirma que elle ha de produzir grandes economias no futuro; comtudo não o prova, nem nos demonstra o que dá por seguro. Se por ventura procedeu assim por se imaginar Pithagoras e nos considerar seus discipulos para nos devermos contentar com o *ipse dixit* do mestre, mal fez; por que brincou com o senso commum, e commetteu a estulticia de suppôr os outros nescios.

O limite de edade, tanto no presente como no futuro, ha-le produzir, não as annunciadas economias, mas sim um grande augmento de despeza, como vamos provar.

As reformas, antes do limite de edade existir, derivavam dos officiaes julgados incapazes do serviço pelo seu estado physico, e dos que eram julgados inaptos pelo seu estado moral; com a existencia do limite de edade, as reformas continuam a derivar d'esses mesmos officiaes incapazes e inaptos do serviço, e tambem dos muitos officiaes, capazes do serviço physico e moralmente, que forem attingindo algum dos quatro limites. Segue se, pois, que o limite de edade, vindo augmentar o numero das causas que produziam as reformas, é mais uma fonte que brota permanentemente reformados. Logo a despeza publica, ha-de forçosamente crescer e conservar-se augmentada e n muitos contos de reis.

Com o que, porém, o jornal a que nos reportamos, não engraçou, foi com os 56 annos, que constituem o primeiro dos quatro limites; acha-o injustificado e aconselha a que seja mais elevado. Mas, extranho caso, ao passo que isto sente e aconselha, apregôa e sente a conveniencia de se rejuvenecer o exercito, citando, em favor d'essa conveniencia, o limite de edade em França.

Para esse jornal, não é, pois, impossivel haver um exercito, de officiaes jovens, como elle quer e pede que haja, com tenentes-coroneis, majores, capitães, tenentes e alferes de mais de 56 annos de edade, conforme deseja e aconselha que possam permanecer nas fileiras.

Esta contradicção de primeira grandesa, sómente desculpavel n'aquelles a quem a vaedade haja escorraçado a lucidez de seus espiritos, mostra-nos, porém, que o desagrado aos 56 annos, procede do calculo, que manifestou aos ambiciosos a triste certeza de que o limite de edade de 56 annos, decretado para aquellas cinco classes de officiaes, ha-de obrigar a muitos d'elles a reformarem se n'um posto baixo e sem as melhores vantagens de soldo, por não poderem ter, n'aquella edade, ainda os 35 annos de serviço effectivo, que a lei exige para se ter direito a essas vantagens.

Na Allemanha, onde tudo é previsto e meditado com segurança, e onde nada é decretado sem se reflectir profundamente e obter a certeza de assim o exigir o bem do paiz, vemos que no seu exercito, modelo dos exercitos do mundo, não ha limite de edade. E não o ha, porque a previdencia, que n'aquelle paiz superintende em todos os actos da governação publica, reconhece ser o limite de edade ineficaz para opulentar o exercito, de vigor intellectual e robustez physica.

N'essa grande e bem governada nação, os officiaes invalidos são tirados das fileiras do exercito, mas quem os manda apresentar á junta de saude e os reforma, é, como de toda a razão convem que seja, o imperador. O monarcha não carecendo de ser pro novido, não tem ambição de chegar depressa ao generalato, como a terá qualquer coronel, em quem a ruindade do coração e malvadez do espirito, quasi sempre effeitos de uma intelligencia estiolada, fará com que se pratique a immoralidade de sacrificar os direitos e o bem de muitos officiaes ao conseguimento do seu torpissimo intento, que Deus certamente amaldiçoará, por ser damnoso e affrontar o amor do proximo.

X. G.

Commissão districtal

Em cumprimento das disposições da nova reforma administrativa, o parto laborioso d'este governo do Senhor, que se permitte todos os atropellos, foi nomeada já a commissão districtal de Aveiro que ha de substituir a actual, e que é composta dos seguintes cavalheiros: — *Effectivos*, dr. Manuel Nunes de Oliveira Sobreiro, dr. José Rodrigues Soares e David da Silva Mello Guimarães. — *Substitutos*, Elias Fernandes Pereira, Albino Dias Ladeira de Castro e Jeronymo Fernandes da Silva. —*Auditor*, dr. Jorge Conceiro da Costa.

A nova commissão, assim composta, é uma garantia para todos, com o que todos decerto folgarão.

AINDA A ENCOMMENDAÇÃO DA EGREJA D'OVAR

Continua a ser mal recebida a nomeação feita pelo sr. bispo do Porto para a Encommendação da Egreja d'Ovar.

A preterição de clerigos por muitos titulos respeitaveis, com velhos e importantes serviços á freguezia, desgostou toda a gente, receiando-se que do facto lhe provenham desgostos que sua eminencia muito bem podia e devia evitar. As noticias que d'alli recebemos são de molde a inquietar os que põem acima de tudo a paz e a ordem.

O novo Encommendado chegou alli, tomou posse, disse a missa conventual, mas retirou-se logo para o Porto, onde deverá permanecer se não quizer que da sua presença dimanem acontecimentos que decerto o devem desgostar.

O clero d'Ovar, que é do mais illustrado e mais exemplar do bispado, foi gravemente offendido com a nomeação feita. Se o sr. cardeal bispo procurar attenuar o mal que a sua precipitação causou, fará bem.

E' alli coadjutor ha 15 annos o muito revd.º sr. Francisco d'Oliveira Baptista, e exerceu 6 mezes o cargo de parocho durante a enfermidade do anterior. Tem este clerigo, por todos considerado, serviços que não pódem ser esquecidos. Pois foram-lhe mandou-se para alli um clerigo ainda moço, sem pratica do serviço parochial e sem serviços que o recommendem. Mas é um protegido do prelado e por isso recebe a farta prebenda.

Muita carencia de justiça sr. bispo do Porto. No bispado de Coimbra não se procede assim e é por isso que o nosso virtuoso bispo é geralmente querido e respeitado na sua diocese.

Com este modo de proceder, nem o respeitavel arcypreste o muito digno abbade de Vallega foi poupado, porque não prevaleceu a sua informação.

Voltaremos ao assumpto que julgamos, religiosa e socialmente, importante.

A rotação constitucional

E' do *Commercio de Portugal* o seguinte artigo:

Approxima-se o dia 5 de maio e é geral a anciedade com respeito á resolução que ha-de tomar o partido progressista n'esse dia, em reunião magna, presidida pelo seu leal e honrado chefe, sr. conselheiro José Luciano de Castro. Comquanto essa anciedade denuncie a importancia, pelas suas consequencias, da decisão que se adoptar, sobre esta, porém, já não póde haver a menor duvida, não só porque são bem conhecidas as ideias dos partidarios d'aquella agremiação liberal, como ainda porque, na actual conjunctura, para os altos interesses publicos e para o bom nome do partido progressista, só pela abstenção elle póde decidir-se. O governo, pelos seus orgãos na imprensa, já tem feito saber que, com tudo, fica satisfeito, e que tanto se lhe dá que os progressistas vão á urna como se retráiam, tendo-se até insinuado que, n'este segundo caso, a dictadura se prolongará indefinidamente, conservando-se os ministros fóra da constituição e das leis, e com elles, ou primeiro do que elles, o proprio Chefe do Estado. Isso denuncia o alto criterio de taes estadistas e qual a sua noção do que é o systema que nos rege e do effeito que póde produzir no resto do mundo a continuação de um estado de cousas irregular e até violento, quando o paiz, em circumstancias extremamente difficeis, está pedindo instantemente o conjuncto de todos os esforços e de todas as dedicações, para poder sair de uma situação apurada, como é esta que elle atravessa ha bastante tempo, aggravada pelos ultimos erros e desatinos dos seus governantes.

Comprehende-se, pelos antecedentes, a indifferença do governo e que elle parodie, com respeito aos progressistas, o conhecido aphorismo de uma escola de economistas, *laissez faire, laissez passer*, mas o que se não comprehende é que El-Rei queira que o considerem de tal modo consubstanciado com a politica insensata dos seus ministros, que não lhe importe tambem, que se diga que elle navega nas mesmas aguas, que são perigosas, por isso que ninguem sabe onde a barca irá aportar ou... naufragar, o que não é exactamente a mesma cousa.

E se para o governo é questão secundaria o resultado das suas aventuras e temeridades, porque o seu unico empenho é gozar o poder sem limites e sem restricções, não pensa do mesmo modo a parte do paiz, que ainda prefere a monarchia á republica e que não occulta as suas preoccupações e os seus receios ao ver crescer e augmentar o numero dos inimigos das instituições, devido isso unica e exclusivamente ás provocações acintosas do governo, que parece folgar com que se affastem do throno tantos e tantos cidadãos prestimosos, que, muitos d'elles, nunca pensaram em abandonal-o! E' possivel que o governo entenda na sua alta sabedoria, que o sr. D. Carlos não é Rei de Portugal, mas só dos regeneradores, por isso mesmo que estes consideram o paiz como sua propriedade, para as promoções e para os regalos dos ministros; mas o sr. D. Carlos é que não póde de modo algum acceitar este exclusivismo, que abate a sua magestade, fere as tradições da casa de Bragança e o divorcia do resto da nação. «Eu não tenho outros portuguezes, é a phrase historica com que o santo Rei D. Luiz I, respondia áquelles que se permittiam fazer-lhe reparos ácerca da nomeação de alguns ministros; são todos filhos d'esta terra, e se não fazem mais por ella, é porque não sabem ou não podem.» E assim elle queria significar que não existiam da sua parte as predilecções que lhe attribuiam, nem que o animava a ideia de fazer governo pessoal, como injustamente por vezes o accusavam e que os factos desmentiam, pois durante o seu reinado de paz e de tranquilidade, de melhoramentos e de progressos, os partidos passaram em regular rotação pelo governo do paiz. Pretende-se acabar com essa nórma, que não é mais do que a fiel execução do systema politico que nos rege, quando leal e honestamente interpretado e cumprido? Assim se deve deprehender do que se está passando, mas nós ainda queremos crer que ha de chegar um dia em que valham menos a insidia e a astucia do governo do que a vontade livre e o criterio desassombrado d'El-Rei, e que só por excepção se está fazendo o que, aliás, nem por excepção se póde admittir em um paiz que tem uma Constituição como a nossa.

E nós fazemos sinceros e ardentes votos, para que o equivoco fatal, que de mais se tem prolongado, filho de uma intriga miseravel e torpe, se dissipe promptamente, pois a verdade é que, ou se é rei de um povo inteiro e não se é, portanto, rei de um unico partido, ou... não se é rei!

O NYASSA ESTAGNADO

Sob este titulo o *Correio Nacional* escreve:

Só não se inflamma diante d'aquelles abusos e descomedimentos quem é producto genuino de um meio pervertido ou quem está habituado a encolher os hombros perante os maiores males da patria. Aquellas nodoas revoltantes com que alguns audazes mancharam a companhia do Nyassa devem ser queimadas com a indignação espontanea, cadente e justa de todos os homens honestos. Aquelles desregramentos perigosos de politicos sem freio devem ser castigados em nome da moral mais pura, do direito social inflexivel, da necessidade de arrancar de todos os tremedaes e lançar para a frente este paiz atolado e quasi morto. Aquellas e outras miserias do lago das corrupções publicas devem ser extinctas pela plantação immediata de uma vida nova real. Se a razão recuar diante das difficuldades, se a rectidão ceder ás influencias, se a consciencia fôr amordaçada pelo motivo partidario, a cumplicidade flagrante dos que assim vergarem ao peso dos poderes occultos será um verdadeiro crime e talvez quasi uma infamia.

Trepidar?! partir diante do grande publico as taboas santas da lei?! pôr as considerações privadas acima do amor heroico da patria?!... Mas quem não sabe que esse atoleiro do Nyassa é uma das maiores vergonhas do nosso tempo e que os povos onde não ha justiça teem de morrer miseravelmente pôdres, como os velhos imperios do oriente? Pois imaginam alguns loucos ou levianos que os homens pódem cohonestar situações irregulares e perdidas, sem que este delicto contra a natureza tenha consequencias fataes para a nação inteira? Pois ignora alguem que a gangrena de um membro social estende-se logo a todos os outros, pelo contagio, pela suggestão, pela excitabilidade dos instinctos, se uma convenção immoral estabelecer a impunidade do crime?

São accusados varios administradores da companhia do Nyassa de terem saltado por cima dos estatutos e da lei, em condições realmente extraordinarias. Entregaram em meados de 1893, á firma B Daupias & C.ª, sem constar das actas por que titulo, todo o capital realisado da primeira serie de acções, o qual attingiu a somma de 18 contos de réis. Não consignaram egualmente nas actas o destino que foi dado ao producto das restantes acções da primeira serie, cujo valor era de 40:000 libras esterlinas, faltando qualquer indicação de que fossem feitos estes ou aquelles pagamentos. Chegaram mesmo a fazer, sem a observancia dos estatutos e da lei, emissões successivas que hoje importam em 500:000 libras, distribuidas as acções pelo estrangeiro. Delegaram poderes excessivos n'um grupo administrativo londrino, que mais tarde projectou fazer uma emissão de obrigações classificada de tentativa de roubo pela imprensa britannica. Outorgaram ao sr. George Wilson, com quem não podiam contractar, por ser administrador da Companhia, a faculdade de mandar proceder ao estudo dos territorios da concessão em Moçambique, podendo elle apresentar as contas depois de feita uma nova emissão. Quem não vê que em tudo isto pódem existir graves responsabilidades moraes que devem ser tornadas effectivas?

Mas o facto mais assombroso e mais imperdoavel é o da celebração do contracto de Lisboa, em 22 de março ultimo, depois de se haver feito em 9 do mesmo mez, o contracto de Paris, com as mesmas 600:000 acções, de 4$500 cada uma, da mesma Companhia do Nyassa. No pacto monstruoso de Lisboa não se dava apenas a circumstancia de o assignarem, como administradores da mesma sociedade colonial—um portuguez que abandonara em janeiro o seu logar; outro que ligara o seu nome ao contracto de Paris pela recepção de 6:500 libras; outro que figurara por procuração na escriptura do mesmo contracto; o sr. barão de Merck, que segundo todas probabilidades já não era director; o sr. Wilson, que entrara primitivamente nas negociações levadas a cabo pelo grupo francez. Ha muito mais ainda. O primeiro individuo a que se allude contava com a sua grande influencia perante o governo actual para fazer triumphar as machinações insanas de que resultou o contracto de Lisboa. O segundo, que segundo nos informam é progressista, quizera de tal fórma o contracto de Paris que perseguia a cada momento, com telegrammas anciosos, o emissario que se achava n'aquella cidade, a fim de lhe garantir as 6:500 libras necessarias para salvar as suas responsabilidades por lettras de George Wilson. O terceiro sanccionava, ainda no dia 11 de março, o mesmo contracto de Paris, enviando com outros um telegramma ao mesmo negociador para serem depositadas no *Credit Industriel* as 6:500 libras. O quarto veio outorgar no contracto de Lisboa, depois de se haver entendido, sabe Deus como, com agentes de Cecil Rhodes, que se dirigiram egualmente a esta capital para o mesmo fim. O quinto era o mesmo que fizera convenções illegaes com a Companhia e que na venda das 600:000 acções queria a todo o transe, com o apoio insistente do segundo, que fosse liquidada a sua situação sem exame, pagando-se lhe cerca de 40:000 libras, como afinal lhe foi assegurado pelo contrato de Lisboa.

As negociações effectuadas n'esta capital, sem falarmos de responsabilidades de outro ordem, que ahi podem estar envolvidas, pozeram a Companhia do Nyassa entre um grupo financeiro britannico e um grupo financeiro francez, por meio da venda dupla de 600:000 acções, com o valor de 600:000 libras esterlinas. Como se tudo isto não bastasse para uma indignação profunda, o grupo inglez tem estreitas ligações com a Companhia Oceana e com Cecil Rhodes, estando portanto o pacto de Lisboa subordinado superiormente ao plano de absorpção da Africa austral pela Grã-Bretanha. Como se tudo isto ainda fôra pouco, as emissões já realisadas ultrapassavam o valor de 500:000 libras, cujas acções se acham dispersas pelo extrangeiro. Embora o governo e o paiz não tenham culpa alguma de todas essas loucuras e abusos, comprehende-se que d'ellas nos possam vir complicações e difficuldades gravissimas.

As calamidades que se desencadeavam sobre o paiz em virtude da divida do Estado, das relações financeiras da Companhia Real e da questão pendente do caminho de ferro de Lourenço Marques não tinham o dom de conter as tentações perigosas dos outorgantes portuguezes do contracto de Lisboa! A' historia do Portugal contemporaneo faltava este esboroamento colossal, onde a força da insensatez é tão grande como a falta de patriotismo! As desgraças publicas d'esta sociedade sem disciplina tinham de ser coroadas com mais esta assombrosa miseria! Isto é como a fatalidade crescente das tragedias gregas, isto parte-nos as cordas do coração, isto faz-nos enlouquecer quasi completamente! Ficamos petrificados, hirtos, lividos, perante o horror d'este vulcão de lama. São necessarios muitos heroismos intimos para ter idéias concertadas diante d'estes desabamentos.

Falla d'este modo um jornal que capricha em ser moderado um jornal tido como decente e honesto. E' que a torpeza chega a horrorisar ainda os menos susceptiveis.

A CRUELDADE DOS GOVERNOS

Sobre a historia contemporanea, o sr. Martins de Carvalho, escreve:

Na época da lucta popular de 1846 a 1847 praticou o governo numerosas arbitrariedades e tyrannias contra os povos. Basta indicar os atrozes assassinatos na Agrella, na Villa Nova de Monsarros, e em Sandomil, assim como muitas outras barbaridades, incluindo as crueldades que nos fizeram soffrer na cadeia do Limoeiro. Os auctores das atrocidades nos presos do brigue *Audaz* e fragata *Diana*, e outros navios de guerra surtos no Tejo, imitaram perfeitamente os infames Telles Jordão, na torre de S. Julião da Barra, e Manuel Pinto da Silveira, na praça de Almeida. Não satisfeito o governo cabralista com as violencias executadas por elle nos prisioneiros de Torres Vedras, fel-os ir para a Africa em 2 de fevereiro de 1847. Eram os seguintes:

Officiaes prisioneiros na acção de Torres Vedras no dia 23 de dezembro de 1846, deportados para a Costa de Africa, embarcados no brigue de guerra Audaz, saido de Lisboa em 2 de fevereiro de 1847.

1 Conde do Bomfim—tenente general, par do reino; 2 José Pedro Celestino Soares — brigadeiro; 3 João Carlos Forman—tenente coronel.

Majores:—4 Agostinho Luiz Alves—infanteria 14; 5 Diogo Dionizio Cardoso—infanteria 9; 6 José Bento Travassos Valdez—cavallaria; 7 José Herculano Ferreira de Horta — artilheria.

Capitães:—8 Alexandre Magno de Sá—infanteria 6; 9 Arnaldo de Azevedo Brandão — dito; 10 Bernardo José dos Santos—artilheria; 11 Francisco José Silveiro—infanteria 6; 12 Francisco José Vieira—dito; 13 Francisco Machado Bello—dito; 14 Francisco Maria Monteiro — cavallaria 5; 15 Gaspar de Sousa Barreto Ramires—dito; 16 Henrique d'Almeida Girão—dito; 17 Jeronymo de Moraes Sarmento—infanteria 6; 18 João Gomes da Silva Talaya — dito; 19 Joaquim Pinto Ribeiro—dito; 20 João Pinto da Costa—dito; 21 José Antonio da Costa Mendes—caçadores 5; 22 José da Fonseca Veiga—infanteria 2; 23 José Leão Pinto — dito; 24 José Pedro da Costa Seromenho — cavallaria 4; 25 José de Pina Cabral — caçadores 5; 26 Luiz Travassos Valdez — estado maior; 27 Manuel Julio de Carvalho—caçadores 6; 28 Manuel Luiz d'Almeida—dito.

Alferes:—29 Antonio Ernesto Celestino Soares—cavallaria.

Corpos nacionaes: — 30 Conde de Villa Real, D. Fernando—tenente-coronel commandante do batalhão d'Alcobaça; 31 Jayme Garcia Mascarenhas — tenente-coronel commandante do batalhão de Vizeu; 32 José Bernardino de Abreu Gouvêa—major do dito batalhão. A's 3 horas e meia largou o brigue *Audaz* o seu ancoradouro no Tejo. Era rebocado pelo vapor de guerra *Terceira*, o mesmo vapor que alguns dias depois foi mandado de Lisboa á Figueira da Foz, buscar 28 presos populares, entre os quaes era um o auctor d'estas linhas, Joaquim Martins de Carvalho. As victimas de Torres Vedras levavam para a Africa as sympathias do povo lisbonense e deixavam para os seus verdugos a execração de nacionaes e extranhos. O alto de Santa Catharina e o das Chagas estavam cheios de espectadores, que condemnavam este acto de barbaridade. Desde o dia 23 de dezembro de 1846 os martyres da sua nobre e desinteressada lealdade tinham sido privados de toda a consolação, de tudo quanto lhes era caro. Mettidos no porão de um navio, sem ar, sem luz, tinham soffrido todos os tormentos que lhes havia decretado um governo feroz e brutal. Ainda na hora do apartamento, e em todo o tempo desde que se decidiu a sahida d'elles, se lhes negou toda a entrevista com suas familias. Se algumas a obtiveram foi por graça especial dos sultões. Foi geral a indignação em toda a cidade de Lisboa. Viram-se esposas desoladas quererem despedir-se de seus maridos e não poderem. Viu-se o seu pranto, e viu-se a cidade consternada receber e enxugar as suas lagrimas. Viu-se o povo sensibilisado, e no meio de tudo só se viu um coração duro como uma rocha! A esposa do conde de Villa Real (D. Fernando) levantou-se do seu leito de dôres, acompanhada da condessa de Rio Maior, irmã d'elle, para se despedirem de seu esposo e irmão, e de bordo partiram para o paço das Necessidades, a implorar em seu auxilio a clemencia da soberana. Clemencia? Não dizemos bem, porque ainda não havia logar para ella. A clemencia suppõe culpa, a culpa suppõe processo, e a justiça não pronunciára ainda o seu *veredictum* solemne! Acharam a rainha, mas não acharam graça perante ella. E não se pedia clemencia, pedia se justiça. Era uma esposa moribunda, eram a esposa e irmã de um homem que se tinha arriscado por essa mesma rainha, que deixara uma perna no campo de batalha, no Chão da Feira. Eram estes seres fracos e debeis por natureza, mas fortes pela virtude, que imploravam a mudança de prisão. Era uma esposa, que julgando-se a caminhar para a sepultura queria soltar o ultimo suspiro, não longe da prisão de seu esposo. Era a ultima consolação da humanidade, depois de Deus; era o seu viatico, a sua extrema unção—era a despedida derradeira entre o mundo e a eternidade. A capital presenceara em silencio esta romaria das duas formosas damas. O embarque e desembarque d'ellas; a vista de uma cadeirinha que indica sempre uma existencia precaria e amargurada, tinha feito amontoar o povo na sua passagem, esperando allivio para tantas maguas. Ainda assim houve quem, com razão, não o esperasse. A voz da desgraça é sempre insinuante, e muito mais saida d'aquelles labios angelicos. Tudo essa voz podia abrandar, menos a certa gente, que parece de gello. Fizeram o seu dever as duas nobres senhoras. As lagrimas ficam bem á afflicção e á innocencia.

Cidadãos! O partido popular obteve mais um triumpho. O sangue das victimas é como o do Redemptor. Só cae sobre os que o derramam. A hostia que offerecemos a Deus é pura e immaculada.

De 32 presos só 3 não desembarcaram no Mindello.

Para maior tortura concederam apenas um espaço de 28 palmos de comprido para 32 presos. Nos ultimos dias obrigaram a comer os prisioneiros n'uma bandeja com colher de pau. Bandeja é uma espscie de celha ou gamella de pau! Por cumulo de tyrannia quizeram despojar os prisioneiros do dinheiro e comestiveis que levavam! Queriam talvez fazer um brodio ministerial, ou dar um banquete á côrte, com o sustento dos desgraçados. Queriam apanhar esses tantos réis com que um fidalgo christão tinha consolado a pobreza desvalida! Honra á coragem do sr. D. Fernando Villa Real, o qual protestou que antes lançaria tudo ao mar do que entregar á voracidade cabralista, o que lhe fôra confiado para sustento d'elle e de seus infelizes companheiros. E a tyrannia que não se abranda com lagrimas, teve de ceder diante d'esta energica resolução.

UM BANDO DE SELVAGENS

E' ainda do *Conimbricense*, o seguinte artigo:

No dia 29 de abril de 1847 praticaram em Lisboa os defensores da *Carta*, da *Rainha*, da *Ordem* e da *Independencia nacional* tudo quanto póde imaginar a maior crueldade. Para exercerem toda a tyrannia nos partidarios da causa popular, arremessaram nos para os carceres mais horrorosos do Limoeiro, misturando-os com toda a qualidade de malfeitores. Assim queriam vingar-se de todos os presos politicos. A's 4 horas da tarde trataram os presos liberaes de sair das cadeias do Limoeiro. N'essa occasião estava a rainha em grande gala a festejar o anniversario da Carta. Logo que se soube no paço das Necessidades, da saida dos presos, partiram do quartel ou antes inquisição do Carmo as forças alli existentes, commandadas pelo façanhudo D. Carlos de Mascarenhas, em perseguição dos mesmos presos. Ao mesmo tempo partiram a perseguil-os o batalhão de empregados publicos e outros batalhões. Estes barbaros não davam quartel a ninguem, ferindo, ou matando todos os presos que encontravam, qualquer que fosse a sua categoria. Vimos assassinar numerosos presos, e nós escapámos com a maior difficuldade de sermos mortos. Seria muito difficil narrar todas as scenas de ferocidade que presenceámos. Na época de D. Miguel não excederiam os seus sanguinarios partidistas as atrocidades que então se praticaram em Lisboa.

*

O dia 29 de abril de 1847 ficou para nós registado como um dos mais tenebrosos da nossa vida. Foram mortos muitos dos nossos companheiros; e ao anoitecer fomos mettido na horrorosa enxovia n.º 14 do Limoeiro, onde testemunhámos as maiores atrocidades. Um dos presos que estavam deitados junto de nós n'essa enxovia, dava gritos horrorosos. Perguntámos-lhe o que tinha, e respondeu-nos que tinha o corpo atravessado por duas balas. Só depois das 11 horas da noite é que os verdugos da cadeia do Limoeiro se resolveram a mandar para as enfermarias alguns dos presos, que estavam em maior risco de vida. Que sorte aquella! Que medonho quadro! Que barbaros sem humanidade alguma! E no emtanto folgava a rainha com a alta nobreza no paço das Necessidades. Que crueldade!

A OUTORGA DA CARTA

E' ainda do velho liberal, nosso muito presado companheiro das luctas liberaes, o seguinte:

Temos o direito de procurar saber se estamos n'um paiz de cidadãos livres, ou n'uma nação em que predomina o absolutismo, não havendo na pratica lei fundamental do estado. Se era para este resultado que durante numerosos annos se luctou, tanto na emigração, como no continente do reino, não se deviam enganar os liberaes.

Hontem, 29 de abril de 1895, fez 69 annos que D. Pedro outorgou no Brazil a Carta Constitucional.

Essa Carta está o mais deploravel documento politico, que jámais se tem visto em um povo civilisado. Pondo de parte a legalidade ou illegalidade d'esse codigo outorgado, é certo que a Carta tem sido ludibriada por quasi todos os governos. Pois os liberaes luctaram na Cruz dos Morouços, no Vouga e Marnel, na Villa da Praia, em Vallongo, Ponte Ferreira, linhas do Porto, Villa Nova de Gaya, Serra do Pilar, Cabo de S. Vicente, Valle da Piedade, linhas de Lisboa, Almoster, Lixa, e Asseiceira, para no fim verem annulladoo todos os direitos dos cidadãos livres? Aqui já não ha lei, não ha codigo politico que se respeite e reconheça. Os ministros fazem tudo quannto querem, lançando ao mais completo desprezo as disposições da Carta outorgada. A Carta Constitucional portugueza foi extrahida da Carta franceza de Luiz XVIII, sendo o seu redactor, segundo é publico e notorio, o ministro brazileiro José Joaquim Carneiro de Campos, marquez de Caravellas. E para cumulo de tudo isto as suas disposições tem sido innumeraveis vezes rasgadas pelos differentes governos. A nação portugueza não póde nem deve continuar a ser governada por tal fórma. Já lá vão 69 annos depois que a Carta foi outorgada. As suas disposições têm sido na sua maior parte letra morta. Qualquer que seja o partido que pretenda dominar em Portugal carece-se de se acabar com as situações e os governos arbitrarios. Os direitos das nações foram sempre os mais considerados. Quem o duvidar póde vel-o nos documentos da nossa historia, a começar na epoca do Mestre de Aviz. A situação politica como está é que não póde, nem deve continuar. Só cegos é que o não vêem.

*

MATAMÇA EM LISBOA

No dia 29 de abril de 1847, fez hontem 48 annos, praticaram-se em Lisboa tão grandes horrores, que chegaram a exceder aos que se realisaram no castello de Estremaz em 27 de julho de 1833. Distinguiram-se na horrorosa matança a guarda municipal, o batalhão de empregados publicos, o batalhão da Carta, o batalhão dos *ricos proprietarios do Algarve*, e outros batalhões, defensores da mesma Carta, cuja outorga estava a essa hora a Rainha e a sua côrte a commemorarem e festejarem no paço das Necessidades.

A feroz matança foi effectuada junto ao castello de S. Jorge; assim como proximo ao quartel da Graça, e em outros numerosos logares de Lisboa. Especialmente sobre nós e alguns amigos nossos foram disparadas varias descargas, dadas por uma companhia da guarda municipal, do quartel dos Loyos. Não se póde imaginar o que soffremos n'esse dia e em a noute seguinte! Em quanto nós passavamos por tão grandes amarguras, folgavam e tripudiavam no paço das Necessidades os defensores da Carta e da Rainha.

Que crueldade!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMENDADOR ABEL DA SILVA RIBEIRO

E' do *Diario Illustrado* a biographia que vae ler se:

Ha pessoas cuja existencia é um exemplo constante de virtudes e cuja felicidade parece consistir em tornar felizes aquelles de quem se approximam. Era assim o sr. dr. Abel da Silva Ribeiro, fallecido em 19 de março ultimo pelas 10 horas da noite, com 58 annos de edade, no Pinheiro da Bemposta onde nasceu em 4 de julho do anno de 1836.

Em 1862 terminou com distincção o curso de medicina pela escola do Porto, exercendo depois clinica na terra da sua naturalidade, em Macieira de Cambra, em Odemira, em Canha e n'outras terras, seguindo para Coimbra afim d'acompanhar nos estudos seu filho, sr. dr. Francisco Ribeiro, tendo a satisfação de o ver no anno findo completar com louvor o seu curso juridico.

Era prodigiosa a sua actividade, sempre applicada á pratica do bem. Para descançar apenas mudava de trabalho. Como facultativo vemol-o tratar dos doentes com solicitude inexcedivel, com pericia e tacto medico pouco vulgares; e com o carinho d'um pae desvelado distribuia soccorros e dinheiro aos pobres que d'elles careciam, com uma expontaneidade tal que parecia cumprir apenas um dever. E' que o seu coração nobilissimo era essencialmente altruista.

Como homem de sciencia era o vemos estudar os problemas mais difficeis da medicina ou da Historia natural em face dos livros e dos laboratorios; ora o vemos profundar os problemas da archeologia prehistorica, procedendo com fino criterio a curiosas indagações e fazendo em varios pontos do paiz escavações importantissimas e obtendo notaveis descobertas que a imprensa apontou com applauso; ora o vemos perante o seu aquario de Villa Nova de Mil Fontes, sem duvida o mais interessante e curioso do paiz, onde ensaiou a cultura dos peixes de agua salgada, precedendo n'esse estudo os outros paizes, e onde profundou os vastos conhecimentos que tinha sobre piscicultura, achando-se por esse motivo em correspondencia scientifica com os mais notaveis aquicultores da Europa. E não fazia monopolio do seu saber; punha-o em evidencia quando via que assim interessava ao bem publico. Por esse motivo escreveu curiosos e interessantes artigos didaticos para a imprensa, prodigalisando assim perante o publico as riquezas do seu espirito esclarecido e superior. O livro que escreveu em Odemira sobre o cholera para ser profusa e gratuitamente espalhado pelas povoações ruraes, quando aquella epidemia, por muito tempo em Hespanha, ameaçava assaltar-nos, e pelo qual ensinava aos pobres que se encontrassem longe dos recursos da medicina quaes os meios de que deviam lançar mão para evitar e atacar a doença, crystallisa perfeitamente a philantropia da sua alma bem intencionada.

Como amigo reunia tudo quanto ha de mais fino e delicado no campo da dedicação, já pelo seu genio affavel e prestadio em que ninguem o excedia, já pela abnegação e desinteresse que o caracterisavam; e como chefe de familia consubstanciava em si tudo quanto ha de mais santo e puro no conselho e exemplo, no ensinamento e direcção; tudo quanto ha de mais nobre e sublime no affecto para com a esposa que elle tanto idolatrava, no amor para com o filho que elle tanto estremecia.

Teve occasião de conhecer em vida quanto era apreciado o seu bello caracter. Em todos os concelhos onde serviu, foi honrado pelas camaras com palavras de justo louvor, e todo o publico o recebia com vivo contentamento, ou acompanhava com sentidas lagrimas de saudade a sua ausencia. Quando se resolveu a regressar a Odemira a pedido de milhares de cidadãos d'aquelle concelho tendo á sua frente o municipio, foi alvo da recepção mais enthusiastica e commovente de que ha noticia por aquellas paragens.

O seu fallecimento, porém, accentuou mais nitidamente quanto elle era adorado. Despovoaram-se as villas e aldeias circumvizinhas para o acompanharem á sua ultima morada, enaltecendo aquelle nome tão querido e pranteando uma falta tão irreparavel. Quando agora, passado um mez após o seu fallecimento se realisaram solemnes exequias, dir-se-hia que quantos enchiam o amplo e bem ornamentado templo do Pinheiro da Bemposta haviam perdido o seu proprio pae. Tal era a consternação geral que em todos se divisava, desde os alumnos das differentes escolas até aos mais veneranados anciãos. Da mesma fórma, de varios pontos do paiz, muitas associações enviaram á illustre familia de tão prestimoso cidadão palavras de condolencia; differentes jornaes onde havia escripto, testemunharam, em sentidos artigos, o respeito e a saudade que lhes deixou; o sr. visconde d'Alemquer, na qualidade de presidente da commissão regional d'agricultura, convocou a mesma commissão em sessão extraordinaria para se lavrar um voto de sentimento, communicar-se essa deliberação á familia de tão benemerito cidadão, e pedir-lhe que colligisse e publicasse, para honra de Portugal, os importantes trabalhos que o sr. dr. Abel andava escrevendo sobre piscicultura.

Morreu como um forte, como um crente. A's 8 horas da noite disse que apenas lhe restavam duas horas de vida. Pediu, por isso, os sacramentos, que recebeu devotamente. Convocou toda a familia, de quem se despediu com palavras amigas e salutares conselhos; e com o rosto illuminado por santa resignação disse para um dos sobrinhos:

—Vê como um homem sabe morrer!

Estende depois uma das mãos para o filho e outra para a esposa e diz-lhes:

—Não chorem; levo-os a ambos para o Céo, dentro do coração...

E cessou-lhe a vida. Eram 10 horas. Se ha morte que possa dizer-se feliz, se ha passamento que possa dizer-se edificante, sem duvida que o foi este. E' que o dr. Abel era um bom, em todo o sentido da palavra, era um digno filho de Manuel da Silva Ribeiro, cujo nome é ainda hoje pronunciado com respeito, e de D. Anna Joaquina de S. José, que toda aquella freguezia continúa a considerar como uma santa...

O illustre extincto por varias vezes foi incumbido de importantes tra-

---

155

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTHAAL

MAGDALENA

DECIMA 1.ª PARTE

VINGANÇA DE MAGDALENA

IV

CONTRASTES

— Ora vejam, disse André recobrando presença d'espirito, de que meios se valeu a Providencia para faze-me completamente feliz; collocame, todavia, em gravissima indecisão, porque em verdade. D. Magdalena, não sei se devo dirigir me ao café e renunciar a este dinheiro, ou ficar com elle e desfazer o ajuste. De mais, será a remessa d'estes vinte mil reales devida unicamente ao barão? Todos sabem que é rico, e generoso; mas o motivo que apresenta para justificar este rasgo incomparavel parece me falso, porque não é facil suppor que uma senhora residente em Paris, onde apparecem as melhores partituras e composições musicaes de todos os paizes, venha procural-as á nossa patria.

— Quer seguir o meu conselho? perguntou Magdalena.

— Com muito gosto, minha senhora.

— Acceite esta somma, visto que o barão é rico e poderoso, segundo me disse Paulo, e destine á senhora de quem elle falia o seu mais escolhido reportorio.

— Quer dizer pois que não devo tocar no café?

— O que deve, na minha opinião, é visitar o barão e agradecer-lhe sem perda de tempo. Sua irmã virá comnosco, e se as suas occupações forem taes que não lhe permittam ir buscal-a antes das onze, Simão nos fará o favor de acompanhal-a.

— Estou prompto! disse o velho marinheiro.

— Sim, sim, vae! aconselhou Alexandrina.

— Mas não se esqueça, observou Magdalena, de dar particularmente agradecimentos a Mendoza.

— A Mendoza?

— Não me resta a menor duvida de que elle foi o medianeiro. Lembre-se que hontem á noite patenteou diante d'elle o receio que lhe causava o tocar diante de um publico exigente; por tanto, tendo chegado hoje o barão, póde supor-se que lhe fallasse em seu favor.

— Tem razão, minha senhora.

— Pois vá, não perca tempo, e póde tambem de caminho contar ao dono do café o que lhe succedeu.

— A sua amisade eguala a da mãe mais carinhosa.

— E apesar de tudo, nunca poderei recompensar-lhe o que tem feito por nós.

André dispoz-se a partir só.

— Tendo chegado o barão da Soledade, disse Paulo, parece-me mal não te acompanhar a fazer-lhe uma visita.

— Estou certo de que te receberá com alegria.

Paulo despediu-se de Alexandrina e Simão, dizendo a sua mãe:

— Vou visitar o meu nobre protector; mas não te affija a minha demora, porque depois de uma viagem longa é natural que elle queira reter-me a seu lado algumas horas, visto que me estima como a um filho.

—Fizeste bem em advertir-me, porque d'essa maneira estarei tranquilla.

Paulo apertou apaixonadamente a mão de Alexandrina e retirou-se com André, emquanto Magdalena, acompanhada da sua antiga pupilla e de Simão, se dirigia para casa. Ao aproximar-se, ergueu os olhos para a janella do quarto de Anna, procurando atravez das sombras a luz que de ordinario o allumiava, e como não a distinguisse, atravessou a rua e entrou na portaria. Estava completamente fechada.

—Muito tarda esta noite, disse para si, estará peior o desgraçado Cabrerizo? terá succedido alguma novidade? A este tempo sentiu ruido na escada, e voltando a cabeça viu um homem velho que sahia, levando um trombone debaixo do braço.

— Tem a bondade..., disse Magdalena.

— Um seu criado, minha senhora, respondeu o velho, ordena me alguma coisa?

— Creio que mora n'esta casa?

— Sim, minha senhora: moro aqui ha trinta e nove annos, e todo o bairro me conhece. A sua physionomia não me é estranha...

—Sou a visinha da casa fronteira.

— E' verdade, minha senhora, é verdade. Que olhos os meus e que cabeça! Mas saibamos em que posso servil-a.

— Anna está no seu quarto?

— Ah! a menina a quem a senhora proteje? Pois minha senhora, agora mesmo bati á porta do seu quarto para lhe pedir alguns phosphoros, e ninguem me respondeu, o que me indaz a crer, que está fóra de casa; porque se não estivesse auzente, Annita é demasiado delicada e amavel para deixar de responder ao chamamento de um visinho como eu. Olhe, senhora, juro-lhe que desde o dia da questão com o ex-empregado, questão em que tomaram parte todos os visinhos, só com ella converso.

—Muito obrigada, disse Magdalena.

—Dê-me as suas ordens, minha senhora, accrescentou o musico saudando extravagantemente.

E sahiu com desembaraço, para a rua, em quanto Magdalena entrava em sua casa acompanhada de Alexandrina e Simão. Angela sahiu a recebel-a, como costumava.

— Veio alguem? perguntou Magdalena.

—Um pobre operario sem trabalho.

— Onde está?

— Está descançando, porque o infeliz vinha muito fatigado e morto de fome.

— Deu-lhe de cear?

— Sim, minha senhora.

— Em que sala está?

— No primeiro dormitorio da esquerda.

O João que vá visital-o da minha parte e que lhe diga que não se ausente antes de ver-me.

— Fique descançada.

— Perguntou-lhe se tem filhos?

— perdeu-os ha um anno, segundo diz, morreu-lhe sua esposa, e tem permanecido no hospital até agora.

— Em que trabalho se occupa?

— E' encadernador.

— Creio que poderemos collocal-o.

— Bem o merece, porque parece um desgraçado.

— Infelizes! balbuciou Magdalena.

E tirando a mantilha, sentou se junto das suas orphãs. O serão correu sem incidente notavel. Alexandrina esperou até á meia noite, e como Paulo e André não apparecessem, Simão acompanhou-a a casa. A ceia durou até cerca da uma hora; como Paulo não tivesse vindo, Magdalena pediu ás orphãs que se deitassem, pois deviam madrugar no dia seguinte. As creanças levantaram-se, dobraram a costura, e beijando carinhosamente a sua protectora, dirigiram-se aos seus dormitorios. Magdalena, que ficára só na sala da costura, levantou-se, tomou um livro, a Biblia, e collocou-a aberto ao acaso sobre a mesa. Momentos depois entrou Angela.

— Póde recolher-se, disse-lhe Magdalena.

— E a senhora vae ficar completamente só até regressar o sr. Paulo?

— Que perigo me ameaça para não fazer o mesmo de outras noites?

— Nenhum; mas eu não tenho somno...

— Não importa, necessita descançar algumas horas.

— E se vier algum pobre?

— Recebel-o-hei. E demais, não está o João junto da porta?

— E' verdade, mas como não se poupa ao trabalho, em se deitando dorme logo.

— A sr.ª Angela bem sabe que em minha casa nada tenho a temer, e que no bairro todos me amam e respeitam.

— Não digo isto por antever perigo, mas pelo incommodo...

— Agradeço-lhe o seu cuidado, mas como não é a sua presença que póde dar-me o descanço que deseja, porque tenciono velar da mesma sorte, peço-lhe que se retire.

— Em todo o caso, fecho a porta da rua.

— Nunca se fechou antes das tres horas da manhã.

— E a do corredor?

— Tambem não; não tema coisa alguma.

— Farei o que deseja, minha senhora. Até ámanhã.

Meia hora depois, a casa estava silenciosa. Nem um ruido desconhecido, nem um sopro de vento alteravam o socego da casa de Lourença.

Ouviu-se um sino ao longe e o sereno annunciou a uma hora da noite.

(*Continua.*)

balhos officiaes e de eleição. Foi procurador á junta geral em 1873, inspector das escolas em 1875, medico civil das inspecções em 1884, examinador em 1886, naturalista adjunto perante a secção de Historia Natural da Universidade de Coimbra em 1889, membro effectivo da commissão de piscicultura do norte em 1894. Era socio da sociedade de sciencias medicas de Lisboa, da Sociedade de Geographia da mesma cidade, da sociedade malacoliga da Belgica, do congresso internacional d'antropologia e archeologia prehistorica, membro da sociedade academica franco-hispano-portugueza de Toulouse, socio effectivo da real associação dos archeologos e architectos civis de Lisboa, socio effectivo da real associação de agricultura portugueza de Lisboa, commendador da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e fidalgo cavalleiro da Casa Real.

Sentidos pezames á sua illustrada familia.»

Não ha exagero no que acaba de lêr-se: simplesmente a verdade: podemos todos confessal-o.

CARTA DE VAGOS

1 DE MAIO DE 1895.

Responderam hontem em audiencia geral, no tribunal judicial d'esta comarca, Manuel d'Almeida Miranda, do Boco, e Rosa Constantina, a Joanica, d'Ouca. Aquelle era accusado de no dia 2 de julho de 1892 ter commettido o crime de estupro frustrado na pessoa menor de 13 annos, Christina, filha de Joanna Carriça, da freguezia da Mamarrosa, com a aggravante do réu andar infeccionado de molestia suspeita, pelo que ficou a mesma menor soffrendo d'uma blemorrhagia; e a ré como encobridora do facto criminoso de que era accusado o réu, visto o mesmo crime ter sido praticado em casa d'ella quando a menor estava ao seu serviço. Nenhuma testemunha de accusação declarou ter visto praticar o crime, mas sómente ouvido attribuil-o ao réu Miranda; e não havendo pois prova sufficiente o jury deu o crime como não provado, pelo que foram os réus absolvidos. Apesar da gravidade do crime foi este veredictum, em geral, bem recebido.

— Na noite do primeiro d'este mez os ladrões entraram por uma janella em casa d'um lavrador, Thomé Francisco Rosa, d'Ouca, e roubaram-lhe um cordão, dois pares de brincos, um annel, tudo d'ouro; todo o dinheiro que tinha n'uma mala, umas botas, um guarda-chuva, uma grande porção de carne, e não roubaram uma corrente d'ouro por que a não viram. Eram tão praticos na ladroeira e dotados de tanta coragem que tiveram o arrojo de entrarem no quarto onde estavam a dormir os donos da casa e d'ahi roubaram o annel que estava pendurado na parede a um palmo de distancia da cabeça do roubado. Quando o dono da casa se levantou e viu as portas abertas de par em par, gritou pela mulher, dizendo-lhe que estavam roubados. Ao fundo do quintal encontrou um bocado de carne e atravez das terras semeadas de ha pouco tempo as pégadas dos ladrões que seguiu até que lhe desappareceram n'uma vinha proxima ao logar do Boco, onde encontrou ainda uma bolça que tambem lhe tinham roubado. A auctoridade administrativa anda na investigação dos ladrões.

— A Rosa Constantina, a Joanica, de que já acima fallamos, tambem foi presa apenas sahiu do tribunal, onde acabava de responder ao crime já descripto, a requerimento de Jacintho Mathias, da Choca, d'esta freguezia, queixando-se que ella lhe tinha roubado do bolso do casaco a quantia de 39$500 reis. Na administração do concelho encontraram-se-lhe 8$375 reis e em sua casa da Carregosa o restante dinheiro, escondido na roupa da cama. A denunciada acha-se presa e nega ter roubado aquella quantia. E' uma desgraçada que está constantemente sob a acção da justiça.

— Estão quasi concluidas as obras que a junta de parochia mandou fazer na capella da Senhora de Vagos. A mesma junta tenciona mandar edificar uma grande casa contigua á mesma capella para servir d'habitação aos devotos que de Cantanhede e d'outras terras longinquas costumam para aqui vir de novena algumas semanas antes das festas do Espirito Santo.

Até breve. Z.

CARTA DE CEIA

30 DE ABRIL DE 1895.

Chegou, emfim, o bom tempo. Desappareceram as humidades, os nevoeiros e as lamas. Já era tempo de contemplarmos o azul celeste, esse céo puro com que a natureza dotou este cantinho da terra—o formoso Portugal—, um dos mais preciosos jardins da Europa. Bem vindo seja, pois, o bom tempo, cujas melhoras de ha muito appeteciamos.

— Os influentes politicos d'este concelho, trabalharam incessantemente para conseguir a inscripção no caderno do recenseamento eleitoral dos seus mais ou menos affeiçoados. D'uma e d'outra aggremiação politica serão recenseados muitos eleitores.

— A fim de representarem o centro progressista d'este concelho na grande reunião que ha de effectuar-se em Lisboa no dia 5 de maio proximo, reuniu nas salas da redacção do *Correio de Ceia* a commissão executiva do mesmo centro, sendo nomeados por acclamação os srs. dr. João Cabral Soares d'Albergaria, muito digno chefe do partido d'este concelho; dr. Joaquim Augusto Ferreira da Fonseca e o Commendador Joaquim Monteiro de Pina. Esta nomeação recahiu em cavalheiros que, pela sua honradez, intelligencia e seriedade de caracter, ornam sobremaneira o partido progressista d'este concelho, do qual são soldados firmes e convictos, pelo que se tornam dignos dos maiores elogios por parte dos seus amigos politicos e até dos proprios adversarios.

— Terminam no ultimo do presente mez as reclamações sobre as novas matrizes prediaes d'este concelho, que sobem já a *mil e quinhentas!!!!*

— Continuam activamente os trabalhos do grande *tunel* em construcção nas montanhas da Serra da Estrella á qual servem de alicerces os pittorescos montes denominados *Penedo de Sant'Anna* e *Carvalha do Outeiro*, que, tão bizarramente enfeitam a nossa tão modesta, quão aprazivel vivenda. Ceia é, na verdade, uma das terras, e, se não a melhor, pelo menos a segunda mais importante d'este districto, pelo que se lhe devem, de ha muito, importantes melhoramentos. Agora que se encetou um d'esses principaes melhoramentos, devido á iniciativa do incansavel presidente da commissão das obras do *tunel*, nosso patricio e amigo o ex.mo sr. Francisco Saraiva, e, quando todos, um por um, o deviam auxiliar em tão grande e arrojada empreza, é que nascem espinhos e pretendem vedar-lhe o seu tão honroso, monumental e jámais olvidado intento. Energia, pois, benemerito patricio, e coragem para affastar para longe difficuldades e obstaculos nascidos unicamente de quem nos quer mal e á terra que nos foi berço.

A grande commissão, a tão illustrada commissão, é egualmente digna dos maiores encomios, e, seus nomes, conjunctamente com o do seu digno presidente, serão vinculados eternamente nas paginas da historia de Ceia. E que os vindouros não esqueçam tão nobres procedimentos, é o que sinceramente desejamos.

—Recomeçaram as obras, não menos importantes, com a trasladação dos restos mortaes existentes no velho cemiterio e respectiva demolição. Para a trasladação das ossadas para o novo cemiterio, chegaram já algumas barricas d'alcatrão, destinadas á desinfecção da villa, que, em casos taes, se podia tornar gravemente epidemica. Concluida a obra, temos uma avenida, onde socegada, pacifica e gostosamente, possamos descançar meia duzia de horas d'ocio. Bem hajam os seus iniciadores e mil louvores ás zelosas corporações que tão dignamente teem dispensado, em favor das obras, parte dos seus precarios recursos, unicamente em beneficio do embellezamento da terra.

— A camara municipal d'este concelho representou ao governo, para serem transferidos para os juizes de paz respectivos, os julgamentos das transgressões de posturas que até esta data teem estado a cargo do juizo de direito d'esta comarca.

— Está justo e contractado um casamento n'esta villa, sob toda a confidencia. Este casamento, caso se realise, no que não ha duvida, ha-de necessariamente despertar a curiosidade dos *criticos* da terra e desenvolver a *bella* da má lingua, divisa de que jámais se affastarão.

— Nos centros do cavaco (mas nem em todos ainda), falla-se n'um caso altamente celebre, no qual estão envolvidas e seriamente compromettidas algumas familias importantes da terra. Bom será que esse caso não veja—a sério—a luz da publicidade.

— No principio d'esta semana, o delegado de saude, sr. dr. José Albano, acompanhado do sr. administrador e este dos seus empregados, visitaram as tabernas d'esta villa, a fim de analysarem os vinhos expostos á venda. Parece que, felizmente, não encontraram vinhos em mau estado ou falsificados. Bom é que estas visitas se repitam, com o que muito lucrarão os consumidores.

—Projecta-se fazer n'esta villa um grande festejo pela occasião da benção da nova tribuna da egreja matriz, que deverá estar concluida em fins de maio ou principios de junho proximos. Consta que á tão solemne cerimonia da benção assiste s. ex.ª revd.ma o bispo d'esta diocese da Guarda. Por essa occasião installar-se-hão tambem differentes *bazares* nos locaes mais apropriados d'esta villa, para os quaes ha já valiosas prendas, sendo o seu producto aplicado para as obras do grande e magestoso *tunel*.

— Falla-se em que a commissão das obras do grande *tunel* pretende ir a Lisboa expôr a Sua Magestade as vantagens que adveem para esta villa e povos circumvisinhos com a conclusão da obra, e pedir ao mesmo tempo, attentas as circumstancias que a revestem, um subsidio para tal fim. E' de toda a justiça similhante pedido, pelo que S. M., estamos certos, ha-de attender tão briosos interpretes do bem publico d'esta terra.

— Chegaram esta semana os andoriscos. Agradecemos mais esta visita aos innocentes *berrões*.

— Por hoje, ponto. A.

NOTICIAS DIVERSAS

Jantar de caridade. —E' do *Jornal do Povo* d'Oliveira d'Azemeis, de 1, a seguinte noticia:

Por iniciativa da ex.ma sr.ª D. Leopoldina de Carvalho e do rev.º abbade d'esta villa, que promoveram o espectaculo de caridade no dia 21 do corrente, foi servido, no domingo ultimo, um abundante jantar aos asylados recolhidos no Asylo da Infancia Desvalida d'esta villa, cujas despezas foram custeadas com parte do producto d'aquelle espectaculo. O jantar constou de carne guisada com macarrão, arroz de carne, vitella assada, dôce vinho de mesa e do Porto. Assistiram a esta sympathica festa de caridade, além da ex.ma sr.ª D. Leopoldina de Carvalho e do rev.º abbade, varias senhoras e cavalheiros d'esta villa e a direcção do asylo representada pelo seu digno presidente o sr. dr. Bento Gimarães e o vogal, o sr. Antonio José d'Abrantes. Durante o jantar tocou a Philarmonica Oliveirense, que generosamente se prestou a abrilhantar esta festa de caridade, como já havia feito no espectaculo do dia. Foi mais uma prova que o digno regente d'esta philarmonica, sr. Antunes Machado, deu da sua generosidade, que, sempre que se trata da beneficencia publica, presta os seus bons serviços, no que é tambem acompanhado pelos seus discipulos, que assim mostram a disciplina que os une. Findo o jantar aos asylados, foi offerecido um copo de agua pelo digno presidente da direcção e a expensas suas, ás senhoras e cavalheiros presentes e no fim á musica. Foi esta uma festa altamente sympathica, que oxalá se repetisse com frequencia. Aqui deixamos consignada a nossa admiração aos seus promotoros, que não esqueceram os tristes filhinhos da desventura.

*

Nota curiosa:

Ao começar o jantar e quando rompeu a musica, a taboleta do edificio, que diz—Asylo da Infancia Desvalida—deslocou-se e veio partir-se nas pedras da calçada! Parece que a propria taboleta comprehendeu que n'aquelle momento não tinha razão de ser, não traduzia a verdade, porque alli reinava a abundancia e a alegria, não havia fome nem gemidos de creanças.

Creado infiel.—Ha sete mezes, pouco mais ou menos, o sr. Maximilien Donan, engenheiro chefe das obras do porto de Lisboa, e morador na travessa do Corpo Santo, 10, 2.º, tomou para seu serviço um rapaz chamado Hypolito Vachet, francez, que n'aquella occasião chegára do Brazil, d'onde fôra expulso. O Hypolito parece que era bastante habil no seu mister, e ganhava 21$000 réis mensaes. Hontem, diz o *Dia* de 30, foi o sr. Donan para Cascaes, em companhia de sua esposa, e quando regressou viu que o creado lhe desapparecera de casa, encontrando ao mesmo tempo aberto um armario onde costumava guardar joias e dinheiro. Desconfiado, passou revista ao armario e viu que lhe faltavam muito dinheiro e objectos de valor. O sr. Donan participou o caso á policia que logo se pôz em campo para descobrir o gatuno. Quando ella andava n'estas diligencias um amigo do queixoso viu entrar o larapio para o predio n.º 220 da rua Augusta levando uma mala. O sr. Donan veiu immediatamente ao governo civil dar parte do que o seu amigo vira, mas trocou o nome da rua e disse rua da Prata em vez da rua Augusta, de modo que a policia ao dirigir-se ao ponto indicado encontrou lá pessoas muito honestas que nada tinham que vêr com o larapio. Mais tarde aquelle mesmo sujeito dirigiu-se á estação do caminho de ferro da Avenida onde estavam dois agentes encarregados de prender o Hypolito, caso elle pretendesse sahir de Lisboa, e disse-lhes novamente que fossem ao predio para onde elle tinha visto entrar o gatuno. A policia foi alli e no 3.º andar encontrou Hypolito Vachet, n'um quarto alugado. Trouxe-o para o governo civil apprehendendo tambem a mala com os objectos roubados, faltando apenas dois anneis de brilhantes. Eis a lista das coisas roubadas e apprehendidas pela policia:

16 notas do Banco de Portugal do valor de 20$000 réis, 6 de 10$000, 11 de 5$000, 9 de 2$500, 14 de 1$000 e de 500, 1 cedula de 100 réis e 3 de 50; alguns objectos de ouro como: 1 pulseira com brilhantes e 1 broche tambem com brilhantes, 4 anneis de ouro com pedras finas, 1 relogio e corrente de ouro, 1 pulseira d'ouro liso, 3 broches de differentes qualidades, 2 fitas metricas, 2 condecorações, 1 dedal de prata, 4 pares de brincos com pedras, 1 alfinete d'ouro com brilhantes, 1 estojo contendo uma faca de cortar papel, 6 medalhas de differentes tamanhos, 4 bilhetes para a batalha das flôres, 1 porte-monnaie contendo a quantia de 14$650 réis em prata, 1 carteira com as iniciaes M. D., 1 dita de côr amarella, 1 bolsa contendo 10 moedas estrangeiras, e 3 moedas francezas de ouro.

Os guardas que fizeram a captura foram José Vieira, o *Fagulha* e Manuel de Sousa, auxiliados por dois policias, que fazem serviço nas obras do porto de Lisboa. Estes agentes pertencem á secção do chefe Ferreira e são habilissimos. Hypolito Vachet está incommunicavel no governo civil. O criminoso vae ámanhã para juizo.

Um marido doente. e o tratamento por meio de bruxedo—Discussão entre esposos. — Valha-te Deus, mulher, tu porfias em dar cabo de mim!... Estou aqui ralado com dôres e, em vez de me trazeres um medico que me trate, vens-me com uma mulher para me defumar!... Ah! que se eu podesse...

— Has-de poder, has-de. Olha que esta... é das melhores. Se tu soubesses o que ella tem feito!...

— Sei, sei muito bem o que ella faz e sei até o que eu lhe faria, se podesse. Olha, mulher, o que ella tem feito sempre é enganar papalvos e roubal-os. O que ella faz aqui é queimar palhas d'alhos, alecrim e arruda, e fazer d'esta casa um forja de ferreira. E sabes o que eu lhe faria, se podesse? Olha, ouve bem,—que tu tambem has de apanhar a tua conta, quando eu pudér e queira Deus que seja breve. Sabes, mulher, o que eu lhe faria? Era dar-lhe com aquelle marmeleiro até *tocar a quebrado*...

— Pois é por isso—vez?—é por isso que tu não melhoras!... Tu não acreditas n'estas cousas...

— Como hei-de eu acreditar, mulher, acreditar em quê?... N'esses novellos, n'essas peneiras, n'essas figas, no sapo, no aranhão... n'esses fetiches?... Eu sou, por ventura, algum selvagem para crêr em toda essa feira da ladra, em todo esse armazem de porcarias?... Como se chama essa maldita bruxa, que se contorce ahi em piruetas ridiculas?

— Ah! homem, cala essa bocca,—olha que é a do Soccorro!...

— A do Soccorro?!... A da perseguição é que ella é. Olha que soccorro ella me traz!... Que me soccorra depressa, muito depressa com a sua ausencia, senão...

— Accomoda-te, homem, accomoda-te. Não queres então que ella te faça o remedio?

— Que remedio, mulher, tu perdeste o juizo! Vae já chamar-me o medico, senão grito *á voz d'elrei* sobre vocês... Ah! marmeleiro, meu rico marmeleiro, que quando eu pudér...

Despachos administrativos. —Effectuaram-se ultimamente os seguintes:

Manuel d'Oliveira Sobreiro, José Rodrigues Soares e David da Silva Mello Guimarães, foram nomeados vogaes effectivos da commissão districtal d'Aveiro.

Elias Fernandes Pereira, Albino Dias Ladeira de Castro e Jeronymo Fernandes da Silva, nomeados vogaes substitutos da mesma commissão.

Jorge Conceiro da Costa, juiz addido á magistratura judicial, nomeado auditor do districto d'Aveiro.

Despachos d'instrucção publica.—Effectuaram-se os seguintes:

Provimentos temporarios: José Rodrigues da Conceição, na cadeira de S. João do Campo, Coimbra; Julia Candida de Machado Novaes, na de Queimadella, Fafe; Delfina Rosa Coelho, na de Aguas Santas, Maia; Theodoro Ribeiro Santhiago, na de Coz, Alcobaça; Carolina da Silva, na de Canidello, Gaya; Hedwiges Christiana Elisabeth da Silva, na de Freixo de Viade, Celorico de Basto; Maria Amalia Alves, na de Gatiães, Amarante: Virginia Augusta Faria de Magalhães, na de Boticas, Villa Real.

Transferencias: Abel Cardiozot, da escola de S. Cypriano de Rezende, para a de Penajoia, Lamego; Antonio Fernandes Almeida, da de Serrazes, S. Pedro do Sul, para a de Negrosa, do mesmo concelho; M. Francisco da Silva, da de Penejoia, Lamego para a de S. Cypriano, Rezende; Gregorio Rapozo da de Negrosa, S. Pedro, do Sul, para a de Serrazes, do mesmo concelho; Julia Roma, da de Ervededo, Chaves, para a de Faiões, Chaves; Maximiana Lacerda, da de Pauchorra, Rezende, para a de Touro, Fragôas.

Foi nomeada definitivamente Florinda Motta para a escolla de Britello, Celorico de Basto.

Augmento de 25 p. c.: A José Rebello dos Santos, professor da escola do Outeiro, Mêda; a José Moura, da de Candosa, Taboa; a Manuel Carvalho, da de Lagar, Tarouca; a Viriato da Costa Sampaio, da de Gonioim, Armamar.

Licença de 60 dias a Anthero Moura, professor da escola de Souzellas, Coimbra.

Ha vagas nas cadeiras do sexo masculino da Trafaria, Almada, Calvão e Vagos.

PELO ESTRANGEIRO

A princeza Helena d'Orléans.—Diz o *Figaro* que a princeza Helena devia partir hontem de Southampton, a bordo do vapor *Clyde*, para Lisboa, com a irmã a princeza Isabel. A demora em Lisboa, junto da rainha D. Amelia, será de dous dias apenas. De Lisboa a princeza partirá para Sevilha, a fim de visitar sua avó a duqueza de Montpensier e seu irmão o duque d'Orléans. De Sevilha dirigir-se ha a Pariz, onde se demorará cinco ou seis dias, antes de regressar á Inglaterra.

O duque de Orléans; queda desastrosa.—Sabe-se que o duque de Orléans, andando á caça, cahira do cavallo, fracturando uma perna. Os jornaes hespanhoes, referindo-se a esta occorrencia, dão os seguintes pormenores:

O accidente occorreu em Lebrija nas ilhas Mayor e Menor, que ficam proximas da foz do Guadalquivir, onde o duque de Orléans andava a caçar ha tres dias. Ao perseguir uma lebre, cahiu o cavallo e com elle o duque, que ficou com a perna esquerda fracturada. O que foi transportado para o seu *yacht*, que estava fundeado junto de uma d'aquellas ilhas, seguindo logo embarcado para Sevilha. Do *yacht* foi conduzido em uma maca para o hotel de Madrid, onde lhe foi feita a primeira cura. A primeira informação medica dizia que o duque fracturára a perna esquerda pelo terço superior da tibia. Logo que em Sevilha se soube do desastre occorrido ao irmão de S. M. a rainha D. Amelia, dirigiram-se muitas pessoas ao hotel, onde deixaram os seus nomes. As ultimas informações de Sevilha dizem que o estado do duque continua sendo relativamente satisfactorio e que não sobrevieram as complicações que os medicos temiam. De Pariz partiu para Sevilha o dr. Recamier, a fim de prestar os seus serviços medicos ao illustre enfermo.

— Informam de Sevilha que o duque de Orléans tem melhorado sensivelmente, tendo passado a noute de 28 para 29 relativamente bem. Continuam a inscrever os seus nomes no livro do hotel, para esse fim destinado, muitas pessoas de Sevilha e de outras localidades.

— Dizem de Sevilha que a perna fracturada continúa em estado relativamente satisfactorio, mas a febre, devido á pneumonia traumatica, attingiu na madrugada de 29 mais de 39 graus.

As rainhas da Hollanda. — Como participou o telegrapho, chegaram no sabbado a Londres a rainha Guilhermina da Hollanda e sua mãe a rainha regente Emma. Foram recebidas na estação de Victoria pelo principe de Galles e seu irmão o duque de Coburgo, o principe Alfredo, filho do ultimo, a duqueza de Albany, irmã da rainha Emma, o ministro dos Paizes Baixos e alguns funccionarios da côrte. A proposito d'esta viagem, torna a fallar-se da possibilidade do casamento da rainha Guilhermina com o principe Alfredo.

Burlas colossaes; prisão de um principe. —Foi preso sabbado ultimo em Gand o principe Carlos de Looz Corswaren, célebre pelas colossaes burlas e fajardices que praticou, deslumbrando as victimas com o annuncio do seu proximo casamento com a princeza Alexandra Trubetzkoi, viuva do principe Paulo Deucidof. Em França, Italia, Belgica e Inglaterra, Carlos de Looz Corswaren conseguiu illudir muita gente, elevando-se os logros que praticou a muitos milhares de francos. Em Pariz foi condemnado á revelia a 5 annos de prisão e agora vai ser julgado em Bruxellas. Carlos de Looz Corswaren é o filho mais velho do fallecido principe Ernestos de Looz Corswaren e de Maria Luiza de Godoy, neta de D. Manuel de Godoy, principe da Paz, o célebre ministro de Carlos IV de Hespanha. O principe Carlos está separado judicialmente de D. Maria Helena de Portugal Faria, com quem casára em 1889, em Pariz.

O conflicto entre a Inglaterra e Nicaragua.—Sabe-se que a Inglaterra occupou o porto de Corinto em Nicaragua, tendo para esse effeito o governo britannico dado instrucções ao contra-almirante Stephenson, commandante da esquadra que operou a occupação. A esquadrilha ingleza é composta de tres navios: o couraçado *Royal Arthur*, de 7:700 toneladas e 13 canhões; o cruzador *Satellite* e a canhoneira *Wild Swan*, com 8 canhões cada um. Ao tomar posse de Corinto, o contra-almirante inglez fez publicar uma proclamação, na qual diz que o acto praticado pelo governo britannico é motivado pela maneira illegal como o governo de Nicaragua se apoderou do consul inglez em Bluefields e de vinte subditos britannicos, prendendo-os e expulsando-os do territorio de Nicaragua. Diz ainda que se apoderará de todos os navios com a bandeira de Nicaragua e que respeitará a vida e bens dos estrangeiros, impondo-se pela força aos naturaes, no caso de haver resistencia.

A insurreição de Cuba; o fuzilamento de um official.—Os jornaes de Madrid dão alguns pormenores sobre o tragico successo a que já se referiu o telegrapho, ao participar que tinha sido fuzilado em Cuba um official do exercito expedicionario. O tenente Gallego, assim se chamava o desgraçado, fôra incumbido de defender uma posição. Atacado pelos insurgentes, não pôde ou não soube defendel-a, retirando-se do lugar do combate. Preso, processado e julgado summariamente, foi condemnado á morte e fuzilado. O que suprehende no meio d'este tragico successo, é que o tenente Gallego, fôra um dos officiaes que se apresentára voluntariamente para tomar parte na expedição de Cuba, e, além d'isso, tinha uma folha de serviços muito honrosa e ao peito brilhavam-lhe diversas medalhas ganhadas em renhidos combates. Não se sabe a que attribuir a sua retirada. Não falta quem supponha que o conselho de guerra foi muito precipitado em condemnar o desditoso official. O tenente Gallego era casado e tinha tres filhos.

— As ultimas noticias recebidas pelo governo hespanhol desmentem por completo os boatos terroristas importados de Nova-York, evidentemente pelos amigos dos flibusteiros. Da guerrilha capitaneada por Parzon apresentaram-se ás auctoridades 17 individuos, a pedir indulto. A columna commandada pelo general Salcedo conseguiu alcançar as guerrilhas que estão sob as ordens immediatas do famigerado cabecilha Maceo. O combate devia ter sido muito renhido porque os insurrectos deixaram no campo da batalha 30 cadaveres.

O destacamento de Santa Cruz do Sul bateu e dispersou a guerrilha de Mauricio Montejo, que vagueava por aquelles sitios. Matou-lhe tres homens. Tambem n'um outro combate em Capello Arroyo Hondo, a guerrilha de José Maceo teve nove mortos e muitos feridos. Das tropas do governo morreram dois homens e ficaram feridos oito. Os dois mortos eram officiaes, cujos nomes se ignoram por emquanto. A insurreição, ao que parece, estende-se tambem á provincia de Porto Principe. Comprova esta suspeita o facto de terem apparecido pequenas guerrilhas, que defendem as suas posições avançadas, emquanto Maceo e os seus, procurando fomental-as, distrahem a attenção das forças governamentaes com pequenos tiroteios, para realisar com mais segurança os seus movimentos. Um telegramma de origem *yankee* diz o seguinte: «A 19 de abril, proximo de Guantanamo, houve um renhido combate entre 200 soldados hespanhoes e uma guerrilha de insurrectos muito superior em numero. Os hespanhoes foram completamente dizimados, escapalido apenas uns quatro ou cinco.»

Terrivel catastrophe.—Com relação á catastrophe produzida pela ruptura do dique do grande reservatorio da agua de Bouzey, dão os jornaes francezes os seguintes pormenores:

O dique de Bouzey, situado a 7 kilometros de Epinal, rompeu-se na manhã de 27 pelas 5 horas. O reservatorio que serve de alimentação ao canal de Lests, continha 7 milhões de metros cubicos de agua. O reservatorio era fechado por um dique de 500 metros de comprido, construido de 1879 a 1884 e reforçado de 1888 a 1889. Desde então jámais se notára qualquer indicio de que podésse vir a romper-se. Os muros tinham 20 metros de altura e 20 de espessura na base. Logo que se rompeu o dique, a enorme massa de agua que o reservatorio continha, espalhou-se torrencialmente pelo valle do Narella, arrastando as casas com os seus habitantes cobrindo uma extensão de 15 kilometros. Duas aldeias ficaram quasi totalmente destruidas. Cortou a linha ferrea e arrasou valiosas culturas.

Ainda não se sabe qual o numero das victimas. Calcula-se, porém, que sejam mais de 50.

— As noticias que continuam a chegar de Bouzey são horrorosas. De um grupo de 27 casas que havia na margem do arroio por onde corriam as aguas que sobravam, apenas existem ruinas sob as quaes jaziam 52 cadaveres. Os soldados procederam á exhumação e enterraram-n'os em seguida n'uma larga cova aberta para esse fim. Por todas as aldeias da comarca passam carretas, conduzindo cadaveres que as agoas arrastaram para longas distancias. Os sinos das egrejas tocam constantemente a finados e uma chuva incessante contribue para augmentar a tristesa do quadro. Dois regimentos de infanteria estão enterrando os gados que pereceram afogados na inundação. A zona inundada ficou coberta d'uma camada de lodo, que tem mais de 30 centimetros de espessura. Os soldados procedem á desobstrução e tambem, auxiliados pelos camponezes, removem os escombros para extrahir os cadaveres que jazem sepultados debaixo d'elles. A' data das ultimas noticias, já tinham apparecido mais de cem, entre elles o d'um camponez que tinha nos bolsos 2:616 francos e uma caderneta da Caixa de Soccorros com um credito de 60 francos. Vendo que se approximava a enorme massa liquida foi a casa buscar o dinheiro, sendo arrebatado pela inundação.

O guarda do dique perdeu quatro filhos de tenra idade. Em algumas casas as aguas chegaram a tres metros de altura. N'uma d'ellas fora encontrados nove cadaveres! O ministro Leygues, quando andava a visitar o local da catastrophe, encontrou no caminho um velho, que levava debaixo do braço uma pequena caixa de pinho. N'essa caixa estava o cadaversito d'um neto. O pae da creança seguia o velho, chorando copiosamente. O avô disse ao ministro:

— Este é o pequenito; a mãe foi encontrada mais longe, n'outra aldeia. Vamos enterral-os juntos. E o velho continuou a seu caminho com a funebre carga e sob a chuva persistente que augmentava o aspecto de desolação que offerecem aquelles tristes logares.

Pormenores d'um drama.—Os jornaes parienses chegados ultimamente inserem longos pormenores ácerca do fim tragico do campeão velocipedico Médinger e de sua esposa. Os dois esposos habitavam na avenida Verzy, um pequeno pavilhão, precedido de um jardim. Já ha tempo que Mendiger tinha relações amorosas com Branca de B..., uma horisontal que reside no boulevard Malesherbes. A esposa, regressando d'uma viagem, encontrou um telegramma da sua rival e soube que, durante a sua ausencia, o marido tinha dormido todas as noites fóra de casa. Teve por esse motivo um desgosto profundo e no sabbado, quando estavam a almoçar, fez amargas censuras ao marido, embora estivessem á meza os esposos Dalvy, intimos da casa. Depois do almoço, Médinger sahiu, voltando passadas duas horas, subiu para o seu quarto, onde encontrou a esposa. D'ahi a pouco ouviram-se duas detonações. A creada correu immediatamente e foi encontrar os amos inanimados e cobertos de sangue. Médinger, com uma balla no temporal esquerdo, estava cahido sobre a cama; a esposa, ferida no temporal direito, estava cahida no chão, com um rewolver junto d'ella. Ambos estavam mortos, como constatou um medico, chamado a toda a pressa. A hipothese mais verosimil de como se passou este drama de ciume é o seguinte: Médinger devia ter-se sentado na beira da cama e a mulher, voltando á scena do almoço, pedira-lhe para romper aquella ligação. Talvez, obtendo uma recusa cathegorica, tirou d'uma pequena bolsa de couro um rewolver carregado e fez fogo sobre o marido; depois, atirando-se para cima do corpo d'elle tambem disparou contra ella á queima-roupa, outra bala. Tambem é possivel que Médinger estivesse deitado sobre a cama, porque parece que uma das capsulas do rewolver errou fogo. O movimento que lhe foi preciso fazer, tentando talvez desarmar a mulher, foi o bastante para ella o alvejar de novo mortalmente.

Médinger tinha 38 annos e a esposa mais um do que elle.

Enterrado vivo. — Os jornaes estrangeiros noticiam o seguinte facto occorrido em Mersina, Turquia da Asia: Tendo fallecido o consul de Italia n'aquella localidade, Ovidio Rossi, os seus funeraes foram celebrados com grande pompa, estando presentes todos os membros do corpo consular, as authoridades locaes, etc. A inhumação fez-se no cemiterio catholico da cidade. Ora, na propria noite do enterro, um dos guardas do cemiterio ouviu gritos e lamentos que sahiam da sepultura do consul. Aterrado, correu a prevenir a familia, que acudiu, mandando abrir a campa. Deparou-se então com um espectaculo horrivel. O corpo do consul estava voltado e parecia ter passado por atrozes convulsões, pois tinha o rosto entumecido e os olhos fóra das orbitas. Ovidio Rossi fôra enterrado vivo e morrera asphyxiado no caixão.

O «Tannhauser» em Paris.—Por motivo da proxima representação da opera *Tannhauser*, de Wagner, em Paris, os jornaes parizienses referem o que succedeu com a mesma opera e na mesma capital em 1861. N'este anno, *Tannhauser* estreou-se em Pariz, sendo tres as representações e tres as pateadas monumentaes. Os musicos e musicomanos estavam agravados com uma *Carta sobre a musica*, publicada por Wagner, na qual não poupava certos compositores e criticos musicaes. Na primeira representação, entre o primeiro e segundo acto, os espectadores sahiram do theatro e foram aos estabelecimentos proximos comprar todos os assobios que encontraram. O espectaculo foi uma continuada demonstração contra Wagner e a sua opera. A imprensa esgotou contra Wagner todo o genero de epigrammas. Ao presente, Pariz prepara-se para applaudir a mesma opera. O contraste não póde ser mais singular.

A cura do cancro. — — A' Academia das Sciencias de Pariz foi apresentada uma communicação dos drs. Hericourt e Richet, affirmando ter encontrado remedio para o cancro, seguindo as modernas investigações sorotherapicas e empregando para isso inoculações prophilaticas. Este facto é de tal importancia, que convem suspender qualquer juizo até que se comprove completamente tão interessante descobrimento.

Bicycletas de motor. São já conhecidas as bicycletas com motor. Na exposição velocipedica que ultimamente se realisou em Chicago appareceu um novo modêlo d'esses vehiculos que parece ter mais vantagens que os já existentes. O motor fica na parte anterior da roda motriz, o recipiente do petroleo fica no quadro e contém liquido sufficiente para o percurso de 322 kilometros e as rodas são pequenas e providas de amplos pneumaticos. A velocidade que alcança é de 65 a 80 kilometros por hora.

As linguas que se fallam na Belgica. — Segundo o ultimo recenseamento belga, o flamengo é fallado por 2:744:274 belgas, o francez por 2.485;072 e o allemão por 32:206. Fallando o francez e o flamengo ha 700:997 belgas; francez e allemão 58:590 e as tres linguas 38:185.

SECÇÃO AGRICOLA

OS VELHOS PORTA ENXERTOS AMERICANOS

Este assumpto foi tratado com bastante desenvolvimento no congresso de Lyon. Foi relator Mr. Dauvel. As primeiras cepas cultivadas na Europa como porta enxertos foram: *Concord* e *Clinton*; mas a pratica desprezou as, por falta de resistencia e de adaptação.

A *Taylor* teve tambem seu merecimento, vegetando bem em terrenos mais compactos e menos seccos. A *Cinerea* veio em seguida, mas, difficil de reproduzir por estaca, foi tambem abandonada. Ao mesmo tempo cultivaram-se em França outras cepas, cruzamentos e hibridos, *Oporto*, *Black-Pearl*, *Blue-Dyer*, *Huntingdon*, *Sscuppernong*, mas tudo sem resultado.

Parece que d'este primeiro periodo d'experimentação não ficou casta alguma de valor, mas seguiram-se os primeiros resultados obtidos da *Solonis*, *Vialla*, *York-Madeira*, *Jacquez* e *Herbemont*. A *Sololonis* pertence á familia das *Riparias* e exige terras frescas e profundas, alluviões ricas, grandes surribas e boas estrumações. Morre em terras mediocres e seccas. Dá bons enxertos, fortes e solidos, mas não tem vantagens sobre a *Riparia* pura e tem-se visto definhar victima da filloxera.

A *Vialla Franklim* e d'ahi lhe veio o descredito, é planta muito resistente e robusta quando em terras ligeiras, profundas e em planicies frescas e mesmo humidas. Pega muito bem quando enxerta, desenvolvendo bem os enxertos que dão quasi tanta producção como sobre as Riparias e Solonis.

A *York's Madeira* é mais fraca de vegetação, do que as outras cepas americanas, principalmente nos primeiros annos, mas pega bem d'enxerto com as castas europeas de pau duro. Não se tem observado qualquer enfraquecimento devido á phylloxera. Quasi todos os terrenos parecem convir-lhe, exceptuando os compactos e marnosos; as raizes em contacto com a pedra fazem morrer a cepa. Não se aconselha a sua propagação por ser pouco robusta e puxar pouco fructo. A *Jacques* é um bom cavallo nos terrenos pedregosos, nas terras fortes e humidas; gosta de humidade na raiz e muito sol no exterior. Desenvolve-se pouco em principio, mas, depois, toma um grande vigor. E' atacada pela phylloxera, mas não enfraquece. Os garfos de pau duro pegam melhor e desenvolvem-se bem, mas parece produzirem menos do que nas *Riparias*. A *Herbemont* tem sido cultivada com successo nos solos argilosos e frescos. Gosta muito de terrenos ferruginosos, mas não pega bem de enxerto, por isso não se recomenda. Deve-se enxertar *sur place*, mas annos depois da plantação. A *Cunningham* é talvez preferivel á *Herbemont*, porque é mais rustica e dá-se em solos mais difficeis; mas não pega bem de enxerto e produz pouco. São qualidades pouco resistentes. Estavam estas cepas em cultura, em França, quando se entrou n'um periodo, que se chama de estudo da resistencia sendo a *Riparia* o cavallo primeiramente escolhido. A *Riparia* é a grande cepa para enxertia, cultiva-se ha 18 annos e tem-se propagado muito. Dá-se bem em todos os solos, excepto nos terrenos marnosos, compactos e calcareos pouco profundos, argillosos e muito humidos ou muito seccos. O enxerto pega facilmente, desenvolve-se com vigor e produz muito. Em certas variedades o enxerto engrossa mais do que o cavallo, sendo preciso ficar a cicatriz do enxerto fóra da terra para evitar a emissão das raizes do garfo. Ha muitas variedades de *Riparias*, muitas vezes differentes só por caracteres mycroscopicos, mas devidem-se em *glabras* e *pubescentes tomentosas*. São muito resistentes á phylloxera graças ás suas raizes que teem constituição especial e muito rapida propagação.

Tem-se ensaiado muitas *Riparias*, sendo as principaes: *Riparia Fabra*, *Riparia Baron Perrier*, *R. Martin des Pallieres* ou *Gigante*, *R. Portalis* ou *Gloria de Montpellier*. Esta ultima parece ser a superior, pelo seu vigor e grande producção e dá se muito bem nos solos argillo-calcareos, sendo pouco sensivel á chlorose. A *Gloria Montpelier* parece ser a cepa que deve substituir todas as outras variedades pelas suas excellentes qualidades.

A *Rupestris* tambem se não dá em solos marnosos e de argillas plasticas. E' cepa mais nova, na Europa, do que a *Riparia*, muito rustica, muito refractaria á phylloxera, e hoje bastante conhecida, recommendada, sem hesitação para variados terrenos, taes como

encostas pedregosas. Não torna o enxerto tão fertil como a *Riparia*, mas produz muito pau. Ha differentes variedades de *Rupestris*, taes como: *Rupestris de Lot*, *Rupestris Martin* e ainda as variedades selleccionadas. E' uma cepa de toda a confiança, o caso é collocal-a em bom terreno, que lhe convenha, e é a cepa que melhores hybridos tem produzido, para viverem em terrenos muito calcareos. Tem muita fama o *Aramon Rupestris*. Do que acabamos de referir conclue-se:

Prefere-se a *Riparia*, em todos os terrenos que lhe convenham, pelo excesso de producção que provoca. Deve substituir todas as primeiras cepas cultivadas, pelas suas excellentes qualidades. O *Jacquez* pode ser cultivado em terrenos especiaes, arguillosos, molhados, ligeiramente compactos.

A *Vialla* pode viver em terras frescas, profundas e areaes brancos.

A *Solonis* pode dar-se em terrenos de alluvião, nas vallas junto ás terras ricas, recebendo agua das montanhas. Emfim, em todas as terras que contêem pedras á superficie ou carbonato de cal, pode plantar-se a *Rupestris*, preferindo sempre as variedades, *R. do Lot*, *Aramon Rupestris Ganzin*, *R. Martin* ou outras quaesquer, ao typo propriamente dito. Estas conclusões tiveram discussão. Mr. Degrully acha-as muito favoraveis para o *Jacquez* que tem morrido n'alguns sitios. O relator affirma as boas qualidades do *Jacques*, mas recommenda para elle terrenos especiaes. Diz que tem prestado muito bons serviços na Gironde. Houve ainda outras discussões sem interesse, e por fim votaram-se as conclusões, de que sae a idéa de não abandonar os velhos porta-enxertos que são hoje ainda, a base da reconstituição.

F. d'Almeida e Brito.

NOTICIARIO

Partido progressista—Partem hoje d'aqui para Lisboa, no comboyo da noite, os nossos amigos, srs. conselheiro Manuel Firmino, dr. Alvaro de Moura, José Antonio Pereira da Cruz e dr. Manuel Pereira da Cruz, que, com outros cavalheiros delegados do centro progressista d'esta cidade, vão assistir á reunião que ámanhã deve effectuar-se em casa do seu nobre e honrado chefe, o sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Notas da carteira.—Tem estado em Cacia, em visita a sua familia, o nosso estimavel amigo e importante proprietario da Alhandra, sr. Francisco Rodrigues Mendes e sua ex.ma filha. Hoje mesmo retiraram para a sua casa d'aquella localidade.

— Estiveram hontem n'esta cidade a sr.a Condessa de Mozer, sr. Antonio Velloso da Cruz, sua ex.ma esposa e filhos, e o sr. Carlos Mozer. Suas ex.as visitaram o collegio de Santa Joanna e tudo o mais que aqui ha digno de ver-se. Acompanharam os illustres visitantes o sr. Visconde de Alemquer e o nosso presado collega sr. Marques Gomes. Suas ex.as retiraram-se no comboyo da tarde.

Estada.—Esteve ante-hontem na Figueira o nosso muito presado collega e amigo sr. J. A. Marques Gomes. A *Gazeta*, dando noticia da sua chegada alli, diz:

«Esteve hontem na Figueira, de visita ao nosso querido amigo e collega Pedro Fernandes Thomaz, o nosso intelligente collega do *Campeão das Provincias*, João Augusto Marques Gomes, illustre archeologo e distincto escriptor, cujas obras de erudição e investigação historica lhe têm feito no nosso paiz um nome justamente laureado, collocando-o a par dos nossos mais illustres e conscienciosos historiadores. Damos-lhe cordealmente as boas vindas, desejando que tão apreciavel visita se repita frequentes vezes.»

Partida.—No paquete *Cazengo* parte no dia 6 do corrente para S. Thomé, com sua ex.ma esposa, o nosso quasi conterraneo sr. Manuel Gonçalves Santhiago, importante e considerado negociante n'aquella ilha, e que ha algumas semanas tem estado na Figueira, d'onde é natural.

Incommodo.—Tem soffrido d'uma bronchite o primogenito do nosso antigo amigo sr. Antonio Leite Pereira Jardim, honrado juiz de direito de Leiria e um dos membros mais respeitaveis da magistratura portugueza. Intelligente, pundonoroso, recto e extremamente delicado, o juiz de direito da comarca de Leiria é d'aquelles que deixam nas comarcas por onde passam, nome querido. Sentindo profundamente os desgostos que lhe haja originado o soffrimento de seu predilecto filho, fazemos instantes votos pelo restabelecimento completo do joven e já distincto paciente.

Fallecimento.—Falleceu ha dias n'esta cidade o sr. Antonio Corrêa d'Abreu, que aqui exerceu por muitos annos o professorado primario, passando, depois de jubilado, a servir na conservatoria o logar de ajudante do conservador.

Tendo pertencido ao partido realista, veio depois de 1834 para a Vista Alegre, onde exerceu o logar de guarda livros. Os acontecimentos de 1846 levaram-o a fazer parte do batalhão de voluntarios patuleias d'Aveiro. Quando em 1847 a corveta *8 de Julho* se entregou á Junta do Porto, o extincto que estava lá com o batalhão na qualidade de official, foi mandado para bordo d'aquelle navio como official encarregado de prover ás necessidades da guarnição. Como se desempenhou d'este aliás difficil mas honroso cargo, dizem-o as notas que ficaram no archivo da Junta. Como se desempenhou d'esta e de todas as commissões que serviu em toda a sua vida, que não foi limitada, ainda assim, pois que viveu cerca de 78 annos, dil o a notoriedade do seu nome, que é o mais honroso que um homem pode adquirir.

Casado em Ilhavo com uma senhora, mãe de uns poucos de filhos, cançou-se para os educar e a todos deu carreira distincta. O sr. João Xavier Esteves, que todos conhecemos, para muito o estimar e para sentir mais tarde a sua desdita; o sr. padre Antonio Xavier Esteves, capellão da armada; o sr. Alberto Xavier Esteves, agente commercial no Porto, cavalheiro de muito credito, todos foram educados pelo fallecido, que por elles fez quanto poude. Em assumptos de probidade, o sr. Antonio Corrêa d'Abreu foi um exemplar. Como cidadão e como chefe de familia foi uma virtude. Não se póde ser melhor e poucos, dos completamente bons, poderão egualal-o. Muito religioso, muito amigo do seu amigo, d'uma só fé politica, finou-se um justo que está ao lado de Deus.

Acompanhamos na sua dôr os que pelo sangue e pelos laços de familia lhe estão mais proximos. Pelo coração, pela amisade, pelo respeito e pela grande accumulação de virtudes que possuia e que sempre lhe reconhecemos, não teve nunca, em desinteressada affeição, quem mais que nós se lhe aproximasse. Por conseguinte a dôr de quem escreve estas linhas é tambem profunda.

Luto.—Ha tempo que a morte flagella uma familia de honrados filhos d'esta terra a quem nos prendem velhos laços de amisade—amisade que nos vem já de seus maiores. Ha poucos dias ainda o sr. Domingos dos Reis Santo Thyrso perdeu sua esposa, que era um ente repleto de virtudes. Agora o sr. Luiz dos Reis Santo Thyrso, que era, pode dizer-se, ainda um moço, deixou de existir, flagelado por uma tuberculose que em poucos mezes o arrastou á sepultura, deixando na terra esposa e filhos que elle idolatrava.

E' assim a vida!

Amigos verdadeiros dos que hoje soffrem as angustias do luto em que se acham, acompanhamol-os affectuosamente na dôr que os tortura.

Mais.—Tambem succumbiu hontem n'esta cidade aos estragos de uma lesão cardiaca o sr. Rufino de Sousa Lopes, habil mestre d'obras e primeiro patrão da benemerita companhia dos bombeiros voluntarios de Aveiro, que o levaram na sua carreta. Sentimos a sua falta, e acompanhamos todos os doridos no seu justo sentimento.

Mais.—Falleceu hoje tambem a filhinha do nosso bom amigo sr. João de Moraes Machado, uma encantadora creança recem-nascida. Os nossos sentimentos aos paes e avós feridos.

Mais.—Falleceu tambem em Ovar o sr. Alfredo Campos, major do exercito e commandante do corpo de reserva n.° 9. Soffria ha muito mas ninguem lhe suppunha um fim tão proximo. Era um homem intelligente e illustrado, um militar brioso, um chefe de familia exemplar—um perfeito cavalheiro. Tem a abonar o nosso conceito a opinião geral de todos os que o conheceram. A sua virtuosa esposa e filhos enviamos d'aqui a expressão sentida da nossa dôr.

Festa da Santa Joanna.—A 12 de maio corrente haverá no formosissimo templo de Jesus d'esta cidade a muito pomposa festividade da Santa Joanna Princeza, padroeira de Aveiro, que vestirá as suas galas mais louçãs, para commemorar esse dia tão festivo.

A egreja, que é um monumento artistico muito notavel, ostenta então uma rica ornamentação de bellos damascos de seda, setim e ouro, com profusa distribuição de mimosas flôres naturaes e contrafeitas, principalmente no altar da Santa Princeza, e numerosos lumes. A missa solemne, á qual assistirá o sr. Bispo Conde, venerando prelado d'esta diocese, será acompanhada a canto e orgão pelas distinctas professoras do conceituado collegio da invocação da excelsa Princeza, e ao Evangelho subirá ao pulpito o considerado orador, o sr. José Maria C. Castellão, que recitará um magnifico panigirico. Pelas 4 horas da tarde sahirá a imponente procissão, composta de todas as confrarias da cidade, que se espera concorram em grande numero de irmãos, levando as duas magnificas e ricas imagens da Santa Joanna e S. Domingos, indo tambem no prestito muitos e lindos anjinhos, numeroso clero, e toda a força militar, a camara, as auctoridades e convidados. Será acompanhada pelas duas phylarmonicas da cidade, que tambem tocarão á alvorada, e pela fanfarra da secção *Barbosa de Magalhães* do Azylo escóla districtal. A digna direcção da Real Irmandade, posto lucte ainda com falta de recursos pecuniarios, envida todos os seus esforços para dar o maior realce e luzimento á primeira solemnidade d'Aveiro, sendo de esperar grande concorrencia. Tambem é de esperar que os moradores das ruas do itinerario as ornamentem festivamente.

Festividade.—Em honra do Senhor *Ecce Homo*, ha ámanhã uma brilhante festividade, na capella de S. Gonçalinho, proximo á Praça do Peixe, constando de missa cantada a grande instrumental pela orchestra da philarmonica *Amizade*, regida pelo nosso amigo sr. João Pinto de Miranda, e de tarde, depois das cerimonias lithurgicas, sermão, subindo ao pulpito o sr. prior de Fermentellos.

São dignas de elogio as devotas mordomas, pela maneira como todos os annos alli fazem celebrar tão pomposa e attrahente festividade.

Novenas.—Começaram hontem de tarde no formoso templo de Jezus, as piedosas novenas de Santa Joanna Princeza, sendo acompanhadas a canto e orgão pelas distinctas professoras do collegio da mesma invocação, sendo muito concorrida.

Santa Cruz.—Por ser hontem o dia da padroeira d'esta freguezia, houve no templo parochial a competente festa, constando de missa cantada e sermão, assim como tambem se festejou a Senhora da Luz.

Procissão.—A'manhã de tarde é conduzida processionalmente da egreja da Gloria para a sua capella a imagem de Nossa Senhora d'Ajuda.

Theatro Aveirense.—Vae realisar-se no nosso theatro uma recita extraordinaria, que certamente chamará alli uma numerosissima concorrencia. E' isto de crêr pelo nome de que vem precedida a *troupe*, pelo enthusiasmo com que foi recebida em toda a parte onde tem estado, e principalmente em Coimbra, onde se acha ainda. E' o seguinte, o programma da festa:

Grande sarau dramatico musical em que tomam parte os alumnos distinctos de canto do Instituto musical de Lisboa, senhoras e homens que partem brevemente para Italia, afim de dedicar-se á carreira lyrica os mais notaveis violinista e violoncelista de Lisboa, os srs. Julio Caggiani, Augusto de Moraes Palmeiro, (ambos solistas de S. Carlos); o pianista sr. Carlos Ferreira, (1.° premio do conservatorio), e o notavel actor sr. Simões, cuja carreira em Portugal e Brazil é gloriosa.

1.a PARTE:—1.° Trio em sol para violino, violoncello, e piano pelos srs. Caggiani, Palmeiro e Ferreira—*Berist;* 2.° Romanza da opera *Favorita*, cantada pelo tenor sr. Christiano Telmo—*Donizetti;* 3.° Aria da opera *Pescadores de perolas*, pela sr.a D. Claudina Medina de Souza (soprano lyrico)—*Biset;* 4.° Phantasia sobre a opera *Fausto*, para violino, pelo sr. Caggiani—*Wilhelm;* 5.° Sérénade, pelo barytono, sr. Virgilio de Souza—*Gounod;* 6.° *A grève dos ferreiros*, monologo dramatico, recitado pelo actor sr. Simões—*F. Coppée;* 7.° Cavatina da opera *Traviata*, pela sr.a D. Maria Madre de Deus Diniz (soprano de meio caracter)—*Verdi;* 8.° Musette, phantasia elegante para violoncello, pelo sr. Moraes Palmeiro—*Offeubach*.

2.a PARTE:—1.° Pensée joyeuse, trio para violino, violoncello e piano, pelos srs. Caggiani, Palmeiro e Ferreira—*Albert;* 2.° Romanza da opera *Macbeth*, pelo sr. Virgilio de Souza—*Verdi;* 3.° Aria da opera *Hambet*, pela sr.a D. Maria Diniz; 4.° Nocturno para violoncello, pelo sr. Moraes Palmeiro—*Goltermann;* 5.° Farfalha, valsa cantada pela sr.a D. Claudina de Souza—*Gelli;* 6.° Nocturno, cantado pelo tenor sr. Christiano Telmo—*Deuza;* 7.° O Terrivel, monologo comico, recitado pelo actor sr. Simões—*Camara Manoel;* 8.° Phantasia militar para rebeca pelo sr. Caggiani.

Como se vê, o espectaculo é variado e cheio de attractivos. A noite em que se realisa é a de quinta ou sexta-feira proxima, e a assignatura está já aberta nos conhecidos *Armazens Fontes & C.a*.

Caldas dos Cucos.—São auctualmente das thermas mais procuradas do paiz. Quem não encontra melhoras em outra parte encontra-as alli. Para o rheumathismo principalmente são de um effeito maravilhoso. Podem dar testemunho d'isso muitos cavalheiros d'este districto que tem ido alli em busca de remedio para os males que soffrem, vindo em fim senão inteiramente curados ao menos com alivios preparadores da cura completa. E' isto o que nos dizem os frequentadores de tão especiaes thermas.

Commodidades não faltam alli, pois que o sr. Ernesto Nobre tem um hotel em todas as condições de conforto e de commodidade. No logar competente vae o annuncio respeitante ao estabelecimento referido.

Attenção.—Continuamos a chamar a attenção dos srs. empreiteiros d'obras publicas para os annuncios —1.° e 2.°, hoje publicado—que tratam da importante obra que a illustre vereação da Mealhada se propõe levar a effeito—o edificio dos seus paços municipaes. E' uma obra grande que attráe até pela importancia que deve dar a quem a construir.

Previsão do tempo.—Segundo Noherlesoom, nos seis primeiros dias da quinzena do corrente mez haverá bom tempo, notando-se, porém duas depressões de pouca intensidade no Mediterraneo e Argelia, actuando a segunda sobre a peninsula e estendendo a sua influencia nas regiões do meio dia e sudoeste de Hespanha, com chuvas. No dia 7 desapparecerá o tempo primaveral, com desequilibrios athmosphericos, sem voltar ao estado normal durante a quinzena. No mesmo dia apparecerá outra depressão, tendo origem no mar do Norte e seguirá para o Mediterraneo, fazendo sentir os seus effeitos no golpho de Leão. No dia 8 peiorará o tempo, avançando uma depressão do Atlantico até ao golpho da Gasconha. Outra depressão da Europa central rebentará cerca do golpho de Leão e da zona pirenaica, confundindo-se ambas as forças, o que occasionará tempestade na mesma zona. No dia 9 a peninsula sentirá as influencias da tempestade no Atlantico, especialmente as regiões do noroeste, e Castella Velha, com chuvas e ventos. No dia 10 o temporal augmentará, vindo com violencia da Terra Nova e atravessará o Atlantico. Desde esse dia soprarão na peninsula ventos fortes entre sudoeste e noroeste. Na Galliza baixas depressões generalisarão chuvas, que se estenderão a Portugal. No dia 11 as baixas pressões nos Açores irão até á Madeira, sendo geral o máu tempo na peninsula. No dia 12 continuarão chuvas abundantes e ventos fortes entre oeste e norte. No dia 13 até final da quinzena desenvolver-se-ha nas nossas regiões uma mudança athmospherica, passando uma tempestade sobre a peninsula.

Despachos administrativos.—Effectuaram-se ultimamente os seguintes:

Francisco Alberto Pereira Cabral, exonerado, como requereu, de administrador de Villa Real.

Carlos d'Almeida Braga, nomeado substituto do auditor administrativo de Braga.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

Acceita ao presbytero Adolpho Ernesto Motta a desistencia de um canonicato da sé cathedral de Portalegre, com obrigação de ensino no respectivo seminario diocesano em que foi apresentado.

Manuel Antonio Borges, apresentado em um dos canonicatos vagos na sé cathedral de Portalegre.

José da Costa Vicente, apresentado na egreja parochial de Nossa Senhora das Candeias de Cabeço de Vide, Alter do Chão, diocese de Portalegre.

José Teixeira Dias, apresentado na egreja parochial de S. Martinho de Mouros, Rezende, diocese de Lamego.

CARTA DE LISBOA

3 DE MAIO DE 1895.

E' ordem do dia e sel-o-ha ainda por mais algum tempo a questão do Nyassa—tão negra ella é. O que admira é que não estejam ainda deslocados das commissões publicas que exercem os homens que mais compromettidos e afundados se acham no tremedal de lama que criaram.

O *Campeão*, pelas largas proporções que contém e pelo espaço de que por isso dispõe, deve transcrever o opusculo que sobre o caso publicaram os srs. visconde d'Asseca e André de Proença Vieira. Esse opusculo contém a descripção de todas as infamias commettidas por homens que se acham collocados em posição elevada, algum até empregado particular d'El-Rei! O que se sabe é mais que triste, nojento até. Como o *Campeão* terá de occupar-se em outro logar do que a semelhante respeito se passa, limito-me ao que fica dito.

— A commissão executiva do partido progressista reuniu hontem á noite em casa do nosso honrado chefe, para combinar sobre a direcção dos trabalhos na grande reunião de domingo.

Muitas das deputações concelhias já aqui se acham. Crê-se que a reunião será sobre selecta pela qualidade, abundantissima pelo numero. A casa, apesar de grande, será pequena para tão grande quantidade de concorrentes.

— Está doente com uma bronchite S. M. a Rainha viuva.

— A ex.ma sr.a D. Henriqueta de Seabra e Castro faz ámanhã annos. E' dia de festa por conseguinte na illustre casa da rua dos Navegantes. Receba s. ex.a por esta via os meus parabens.

— Está já entre nós o sr. Assis Brazil. O illustre representante do Brazil teve em Lisboa a recepção mais cordeal e mais extremamente sympathica que podia fazer-se a um amigo, cuja presença muito se deseja. Sei que o novo ministro do Brazil, que ha poucas horas é nosso hospede, está penhoradissimo com o modo porque foi recebido, e que assim o communicou logo ao chefe do governo da sua nação. Eu, que assisti á sua chegada, posso dizer que não era possivel fazer mais; foi uma demonstração completa na verdadeira altura do caso e das circumstancias. O nosso dever cumpriu-se.

— E' muito critico o estado do sr. Ruivo Godinho. Hoje recebeu-se aqui o seguinte telegramma:

Castello Branco, 2, ás 8 h. e 15 da t.—E' desesperado o estado do dr. Ruivo Godinho. Suppõe-se que não vencerá a noite. Recebeu hoje os ultimos soccorros da religião. Só um milagre o póde salvar. Oxalá elle se realise. A doença do illustre enfermo tem despertado o maior interesse em Castello Branco e em varios pontos do paiz. Tem-se recebido muitos telegrammas, incluindo o de Sua Magestade, feito pelo seu secretario particular, o sr. Bernardo Pindella.

Em seguida ao telegramma que acaba de lêr-se recebeu-se o seguinte:

Castello Branco, 3, manhã.—Victima de uma lesão cardiaca, falleceu hoje n'esta cidade, ás 4 e meia horas da madrugada, o dr. José Domingos Ruivo Godinho, antigo deputado da nação o partidario dedicado do sr. Vaz Preto. Contava 55 annos e exercia os seguintes cargos: presidente da camara, reitor e professor do Lyceu, provedor da Misericordia e presidente da Confraria de Nossa Senhora do Rosario. Até esta hora teem velado o finado apenas pessoas de familia.

Foi um perfeito homem de bem e era um grande proprietario.

— Foram ante-hontem expedidos telegrammas aos governadores das provincias ultramarinas d'Africa transmittindo-lhes o decreto acerca dos direitos das bebidas fermentadas e distilladas. Segundo ouvi determinou-se tambem que só fossem despachados pelos direitos anteriores os vinhos que existissem armazenados á data da publicação do decreto e para os quaes se houvesse solicitado despacho. Uma casa exportadora de vinhos requereu ao governo para que não fossem comprehendidos no decreto uma porção de vinhos hespanhoes que estão em Lisboa em transito para Lourenço Marques, mas o governo não o attendeu, o que está de accordo com a resolução geral tomada.

— A bordo do *Véga* lá vae caminho de Lourenço Marques o 2.° troço da expedição que alli se destina—2.° que devia ser o 3.° que é na sahida, pois que da 1.a vez que partiu deu-se no vapor que o conduzia o que é geralmente sabido. O embarque do forte da expedição verificou-se em Caxias, onde o ministro, seguido de um enormissimo estado maior, lhe foi receber as despedidas. Que Deus lhe conceda viagem mais feliz que a anterior é o que todos desejam.

— O sr. Henrique de Macedo agora conde de Macedo, partiu hontem para Madrid. A' estação foram despedir-se do nosso ministro em Hespanha alguns dos seus amigos não faltando os srs. Emygdio Navarro e Collen. Quem não consta que fosse foi o seu amigo ministro da marinha.

— O sr. duque de Palmella, presidente da Sociedade da Cruz Vermelha recebeu hontem do sr. conselheiro Antonio Ennes, o seguinte telegramma.

Lourenço Marques, 2.—No hospital da Cruz Vermelha entraram em março e abril 1.184 doentes, os obitos foram apenas 5, sendo 2 do corpo de policia e 2 angolenses, Nenhum da expedição nem de marinha—*Ennes*.

— Foram considerados nos casos de ter a aposentação ordinaria os presbyteros seguintes: srs. Francisco de Macedo, parocho de Santa Maria Maior, concelho d'Alijó, com a pensão annual de 331$916 réis; José Joaquim Cerqueira da Gama e Azevedo, parocho de S. Salvador de Ganfey, concelho de Valença, com a pensão annual de 224$320 réis; José Pedro Alves, parocho do Salvador, concelho de Aljustrel, com a pensão annual de 302$016 réis; e a Miguel de Barros Pinto Saraiva, parocho do Rio de Mouro, concelho de Cintra, com a pensão annual de 324$996 réis.

— Temos o exclusivo de tres novas industrias no paiz para o que vão lavrar-se os respectivos alvarás e são as seguintes:

Ao sr. George Frechou, cidadão francez, proprietario d'uma importante fabrica em Bordeus, exclusivo, por 10 annos para o fabrico de velocipedes de todas as fórmas, tendo de depositar na caixa geral de depositos a quantia de 5:000$000 réis, importancia de caução definitiva. O minimo da producção annual a que é obrigado, será para o total de 600 velocipedes de todas as fórmas.

Ao sr. Thomaz Maria Bordallo Pinheiro, como representantes da firma Thomaz Bordallo & C.a exclusivo por 10 annos, para o fabrico de alfinetes de latão; a caução definitiva que tem depositar é de 5:000$000 réis. O minimo da producção annual nunca será inferior a 24:000 kilos.

A' companhia de Lanificios de Thomar exclusivo por 10 annos, para fabrico de pannos sem fim, tecidos com lã, lã e algodão, e só algodão applicaveis ás machinas de fabrico de papel, tendo de depositar a quantia de réis 10:000$000, importancia da caução definitiva. O numero da producção annual não deverá ser inferior a 600 kilos.

— Está aberto concurso para provimento do logar de D. Prior da collegiada de Guimarães. Se fôr o ministerio actual quem tenha de prover o logar é feliz quem tiver a protecção do deputado do circulo que é o sr. João Franco, ministro do reino. Diz-se mesmo que o logar já tem subscripto.

— O conselho d'instrucção publica foi de parecer favoravel á creação das seguintes escolas: elementar do sexo masculino da freguezia de S. Martinho do Campo, Povoa de Lanhoso; idem da freguezia da Barrosa, Leiria; idem mixta, de Monte Tendeiro, Belver, Mação; idem das freguezias de Folhadosa, Carrozella e Ceia; e idem, mixta, do Mosteiro, Feira.

— A deliberação do conselho superior de instrucção publica relativa ao parecer sobre o programma de concurso de provimento das cadeiras de pintura historica na Academia Portuense de Bellas Artes ficou prejudicada, por tal cadeira ter sido provida independentemente do concurso.

— Não é bem exacto o que se fez correr sobre ter o Banco de Londres suspendido o credito do Banco de Portugal n'aquelle estabelecimento. Não foi bem isso, mas foi cousa que dá o mesmo resultado. O Banco de Portugal foi prevenido de que não fizesse mais saques sobre o Banco de Londres. O facto é muito grave e o *Tempo*, jornal do sr. Dias Ferreira tem-no aggravado mais com a sua persistencia nas declarações que fez, quando pouca gente sabia do caso.

— Foram creados dois logares de pensionistas de bellas artes no estrangeiro, sendo um para a classe de pintura historica e outro para a de musica. Foram para isso enviados officios para a Escola de Bellas Artes e Conservatorio, afim de os respectivos conselhos escolares fazerem os programmas dos concursos.

— A commissão dos festejos antoninos pediu e obteve do sr. ministro da guerra a concessão de 10 carros, por emprestimo pertencentes á 3.a companhia de administração militar, para serem armados convenientemente e figurarem na procissão civica que se hade celebrar por occasião do centenario.

— No congresso catholico que se realisa na egreja de S. Vicente o sr. cardeal patriarcha não consente outro genero de decoração que não seja arbustos e flôres.

— A recita do theatro D. Amelia, em homenagem ao illustre representante da republica brazileira, dr. Assis Brazil, realisar-se-ha, provavelmente, na proxima segunda feira. A empreza decorará o theatro com o maior explendor. A recita effectuarse-ha em seguida á apresentação das credenciaes.

A commissão do theatro de D. Maria dará tambem um espectaculo em homenagem áquelle diplomata sendo representada uma peça nacional. O theatro será tambem ornamentado a capricho.

— Parece que a nova tabella de emolumentos judiciaes é trabalho feito, devendo ser publicado dentro de poucos dias.

— As provas escriptas dos concorrentes aos officios de 2.a classe, escrivães de juizo de direito, são nos dias 27, 28 e 29 de maio, e nos dias 30 e 31 de maio e 1 de junho, os de 5.a classe, tabelliães de notas.

Y.

—

A' ultima hora.—Affirma-se que o governo está resolvido a proceder com energia na questão de Nyassa, entregando aos tribunaes os que se acham compromettidos em semelhante immoralidade.

— Acaba de receber-se um telegramma de Timor, dizendo que uns povos da fronteira das possessões hollandezas tinham arvorado uma bandeira estrangeira e destacado uma grande força guerreira. O governador, sr. coronel José Celestino da Silva, fez logo marchar uma força sob o commando do secretario do governo, derrotando completamente os rebeldes, que tiveram grande numero de mortos. A ordem ficou restabelecida. O governo telegraphou, louvando as providencias tomadas.

Y.

CARTA DE COIMBRA

2 DE MAIO DE 1895.

Espera-se com enthusiasmo o dia de domingo proximo, dia em que deve haver em Lisboa a reunião magna do grande partido progressista. Conta-se como certo que se decida lá que o partido se abstenha da urna por completo, deixando á *vontade os homens do governo*. A ser assim, não sei como o *Joãosito* ha de descalçar a luva. Esperemos pelo resto que ha de ser tragico.

— Foi designado o dia 22 do corrente, em conselho da faculdade de Direito, para o encerramento dos trabalhos de frequencia, começando os actos no dia 30, em vista dos cursos d'este anno serem muito numerosos, havendo no 1.° anno cento e setenta e tantos.

— O nosso respeitabilissimo amigo e distinctissimo ex-professor, sr. dr. Clemente Gomes P. de Carvalho, um dos mais habeis e intelligentes professores do lyceu d'esta cidade, trabalha calorosamente na composição d'um volume de *Philosophia*, dando a esta difficil e importante sciencia uma forma completamente nova, e tratando com a maior proficiencia as difficeis questões que ella encerra. O systema seguido por s. ex.a é o espiritualista. Desde já tomâmos a liberdade de lhe enviar os nossos sinceros parabens, crente de que a obra deve ficar monumental.

— Ao curso do 4.° anno juridico foi apresentada a peça destinada á recita com que este curso deseja festejar o final dos seus estudos no proximo anno lectivo. A letra é dos srs. Carlos de Lemos, Amador Valente, e Sebastião de Carvalho, tres rapazes verdadeiramente talentosos e por isso competentes para fazerem obra de merecimento.

— Falla-se muito na visita do grande poeta João de Deus a esta cidade. A ser verdade a rapaziada vai ter mais uns dias de festas alegres e o eximio pedagogista vai ver mais uma vez quanto é adorado pela nossa academia.

— Diz-se que será comprada a quinta da Nazareth, á Arregaça, para se construir n'ella uma praça de touros. Fraca lembrança é esta nos fins do seculo 19.°.

— Tivemos as amaveis visitas dos nossos queridos amigos, srs. padres Manuel José Ruivo de Seabra, da Fogueira, e Antonio dos Santos Pato, prior da Gesteira, e um valente progressista.

Tambem aqui esteve o nosso velho amigo Leonardo de Sousa Maia, que veio acompanhar seu filho Fernando, que fez hoje um lindo exame de instrucção primaria no lyceu d'aqui, ficando plenamente approvado, pelo que felicitamos pae e filho.

Já todos retiraram.

— Os exames de instrucção primaria têm continuado com a maxima regularidade. Segundo informações que colhemos, acabam no dia 11 do corrente.

Reisête.

CICLES «IMPERATOR»—Dugour & C.a, constructores, 81, faub. St. Denis, Paris. Mesmos preços que em grosso. Bicyclettas 1895 grossos tubos esmerados occos 200 fr. Magnificos pneumaticos extra 225 fr. Catalogo gratis e artigos mechanicos.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

Preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

Vende se em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias.

Por grosso, 159, rua dos Sapateiros, 1.°, direito, Lisboa.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Os membros da *Phylarmonica Aveirense*, em extremo penhorados pelos obsequios recebidos não só da *Troupe Dramatica Aveirense* que de tão bôa vontade se prestou a beneficial-os com uma récita, como tambem das commissões que se encarregaram da passagem da casa, e bem assim de todos os cavalheiros que pela sua generosidade concorreram com a sua assignatura, vem por este meio affirmar a sua gratidão.

Aveiro, 3 de maio de 1895.

Pela phylarmonica,

Padre Jorge de Pinho Vinagre.
Luiz Henriques.
Francisco dos Reis.
Joaquim Maria de Rezende.

OBRA IMPORTANTE

A Camara Municipal do concelho da Mealhada faz publico que no dia 19 do proximo mez de maio, pelas dez horas da manhã, e na sala das suas sessões dará de arrematação, por empreitada geral, a construcção dos Paços do mesmo concelho.

A base da licitação, que será feita por proposta em carta fechada, é a quantia de 9:855$000 réis, e o deposito provisorio de 250$000 réis, sendo o definitivo de quatro p. c. do preço da adjudicação, podendo este ser substituido por fiança idonea.

O programma do concurso, as condições, peças escriptas e desenhos do projecto, detalhes da construcção e cadernos de encargos, estarão patentes na secretaria da Camara todos os dias, não santificados, desde as dez horas da manhã ás duas da tarde.

Mealhada, 27 de abril de 1895.

O vice-presidente da Camara,
José Fernandes Seabra.

ADITAMENTO

A camara municipal do concelho da Mealhada, em aditamento ao seu annuncio de 27 d'abril proximo passado, faz publico que, segundo o programma do concurso para adjudicação da construcção dos Paços municipaes do mesmo concelho, concurso que deverá realisar-se em 19 do corrente mez de maio, reserva o direito de abrir praça verbal entre os concorrentes seguidamente ao acto da abertura das suas propostas em carta fechada, se o menor preço offerecido, e proposto por qualquer d'elles, se julgar inaceitavel.

Mealhada, 3 de maio de 1895.

O Vice-presidente da camara,
José Fernandes Seabra.

LOTERIA

SEGUNDO o regulamento, os compradores de 10 bilhetes inteiros teem uma commissão de 3 °|o. Os cambistas e vendedores ambulantes teem uma commissão de 2 °|o quando comprem menos de 10 bilhetes inteiros.

Dos bilhetes não se poderão abrir cautelas superiores a 80 °|o das fracções originaes nem inferiores a 50 réis.

Como medida policial incumbida á Santa Casa as cautelas serão selladas com um carimbo especial, **carimbo que não garante o pagamento da cautela,** mas só indica que o bilhete não foi aberto em maior numero de cautelas do que aquellas que comportava.

Os bilhetes ficam depositados na Santa Casa, só até o dia de extracção, servindo á repartição do carimbo como documento que comprova a sua subdivisão.

O pagamento do premio maior effectua-se no proprio dia da extracção, e os outros premios nos dias seguintes.

O pagamento das cautelas premiadas é exclusivamente da responsabilidade do cambista emissor.

Lisboa, 25 d'abril de 1895.

O secretario,
José Murinello,

GRANDE DEPOSITO
DE
SULPHATO DE COBRE E PULVERISADORES

J. D. Sereno & Filho, de Bustos, com deposito em Oliveira do Bairro, importaram directamente de Inglaterra e França, uma grande quantidade de barricas de sulphato de cobre de primeira qualidade, garantido, com 99 e 3|4 0|0 de sulphato puro, como do certificado de analyse; e pulverisadores—Excelcior—de Gobet—o que ha de melhor, mais seguro e mais perfeito, que vendem ao junto e para revender, a preços sem competencia.

Recebem encommendas directamente, que satisfazem de prompto para todo o paiz.

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

Na Fabrica da Fundição do Ouro, existem em boas condições de venda:

1 Machina lythographica systema **Allousét.**

1 Machina e caldeira de vapor, locomovel, systema **Pantin** da força de 4 a 5 cavallos.

1 Dita, idem, idem, vertical, da força de 6 cavallos uteis.

1 Dita, idem, idem, horisontal, **Pantin,** locomovel, semi-fixa, de 6 a 8 cavallos de força util.

1 Dita, idem, idem, idem, **Pantin** de 10 cavallos effectivos.

1 Dita, idem, idem, idem, de 15 a 20 cavallos effectivos.

Fogões de cosinha de fogo circular, de grandes e pequenas dimensões, os mais economicos em combustivel, que se conhecem.

Bombas aspirantes e de repuxo para todas as profundidades e alturas, **e prensas para azeite.**

Estanca-rios com bombas aspirantes e de rosario de variadas proporções.

Charruas **S. S.** as mais uteis até hoje conhecidas.

Porto 15 d'abril de 1895.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

ATTENÇÃO

ANTONIO Mendes Diniz Fragoso Belem, participa aos seus numerosos freguezes que chegaram ao seu estabelecimento os seguintes artigos:

Manteiga ingleza, 1.a qualidade.
Chá Hyson, 1.a qualidade.
Peixe sortido, em latas.
Champagne, cognac, genebra e vinhos do Porto da antiga e acreditada casa Ayres & Filhos.
Bacalhau Noruega.

Grande e variado sortido de amendôas e outros artigos adequados á presente epoca.

Preços sem competencia.

LARGO DA PRAÇA
CEIA

As pessoas que querem um PURGATIVO de primeira qualidade, agradavel de tomar, que não exige regimen especial algum nem modificação alguma nos habitos e occupações, fazem uso das

AFAMADAS PILULAS PURGATIVAS

do Doutor **DEHAUT** de Pariz.

2'50 — 5f

Qualquer caixa cujo rotulo não levasse o **SELLO** da **UNION DES FABRICANTS** applicado como um sello do correio é uma **FALSIFICAÇÃO** contra a qual os doentes devem acautelar-se com todo cuidado.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT A/M

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL
MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA
Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.